

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Mateus de Souza Clezar

**FUTEBOL E FASCISMO: COMO O FASCISMO ITALIANO SE MANIFESTOU NO  
*CALCIO***

Porto Alegre

14 de Novembro de 2015

Mateus de Souza Clezar

**FUTEBOL E FASCISMO: COMO O FASCISMO ITALIANO SE MANIFESTOU NO  
*CALCIO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial  
para a obtenção do título de Licenciado em História, pelo curso de  
História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

14 de Novembro de 2015

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação, tanto na academia – aqui especialmente ao professor Guazzelli – quanto nos Ensinos Fundamental (EMEF Carlos Gomes) e Médio (EEEM Marçal Ramos).

Ao município de Caraá/RS – onde passei minha infância e adolescência – pelo qual tenho profunda adoração.

Agradeço também à Priscila, minha noiva, para a qual dedico e destaco a seguinte frase: “*amor, amor e amor! Nasceu de ti, nasceu de mim, nasceu da alma!*” (BRUXA DO 71; 1976).

Ao meu irmão Alex e aos amigos Luciano e Vivaldo pelo companheirismo e bom humor, bem como aos demais familiares e aos sogros Juarez e Isabel.

Aos meus pais – Nairda Martins de Souza e Amilton Magnus Clezar – não faço agradecimentos, pois não existem palavras capazes de expressar seus significados para mim, apesar de o termo *tudo* ser bastante sugestivo.

*“Prometemos despedirmos sem dizer adeus jamais, pois haveremos de nos reunirmos muitas vezes mais”*

CHAVES, 1979.

## Resumo

O futebol é uma das mais valiosas formas de expressão cultural que a humanidade já produziu. Este esporte que conquistou o mundo por sua simplicidade e sua facilidade em ser praticado, revelou-se, no decorrer de sua ainda curta história, ser um poderoso meio de transmissão de ideologias e diretrizes políticas. Segundo o historiador Eric Hobsbawn, é “*o esporte que o mundo tornou seu*”. Entendemos o esporte como fenômeno social de extrema relevância para a compreensão da História contemporânea. Esta pesquisa visa perceber como o fascismo italiano se manifestou no futebol da Itália entre os anos de 1922 e 1938, totalizando um espaço temporal de estudo de dezesseis anos. Este trabalho será feito a partir da análise das mudanças ocorridas no futebol italiano a partir da ascensão do regime fascista e das participações da seleção nacional nas Copas do Mundo de 1934 e 1938. Entendemos que a reorganização do futebol italiano sob a condução do fascismo manifestou a própria concepção de Estado do regime político fundado por Benito Mussolini. As fontes a serem utilizadas são os anuários da federação de futebol italiana (FIGC) de 1929 e 1932, o jornal *Il Littoriale* e duas das leis que compõem a legislação fascistíssima da Itália, uma de 1925 (nº 2263) e outra de 1926 (nº 100).

Palavras Chaves: *Futebol, Fascismo, Itália, Copa do Mundo, Ideologia*

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1. Introdução</b> .....   | 5  |
| <b>2. <i>Football</i> e o processo civilizador</b> .....   | 13 |
| 2.1 O Imperialismo britânico e a difusão do futebol.....   | 18 |
| 2.2 A <i>bota</i> e a bola.....  | 20 |
| 2.3 O futebol moderno chega à Itália .....   | 22 |
| <b>3. A Europa e a Itália na primeira metade do século XX</b> .....  | 25 |
| 3.1 Fascismo e Itália Fascista .....   | 26 |
| 3.2 A reestruturação do <i>calcio</i> sob o fascismo. O futebol e o fascismo “ <i>internamente</i> ” ..... | 32 |
| 3.3 Mudança política e a mudança no esporte.....   | 36 |
| <b>4. Fascismo, futebol e a busca do consenso: o fascismo “<i>externamente</i>”</b> .....                  | 41 |
| 4.1 Copa do Mundo: o fascismo se escala.....   | 43 |
| 4.2 “O fascismo é bicampeão” .....   | 49 |
| <b>5. Considerações finais</b> .....   | 56 |
| <b>6. Fontes e bibliografia</b> .....  | 60 |
| 6.1 Fontes .....   | 60 |
| 6.2 Documentário .....   | 60 |
| 6.3 Sites .....  | 60 |
| 6.4 Livros.....  | 60 |

## 1. Introdução

O objeto de pesquisa do presente trabalho é o futebol italiano e sua relação com o fascismo na Itália. Pensamos o futebol enquanto prática e código social num espaço e tempo definidos, ou seja, a Itália dos anos 1920 até a Segunda Guerra Mundial. No entanto, o estudo centra-se mais especificamente entre os anos de 1922 e 1938, totalizando um espaço temporal de dezesseis anos. O foco da pesquisa pretende perceber como o fascismo italiano se manifestou no futebol.

A análise centra-se em dois pontos principais através dos quais procura perceber o contexto político e social no qual o futebol está atrelado ao regime fascista. O primeiro é a estruturação geral do futebol italiano a partir da Federação Italiana de futebol (FIGC). Um segundo tópico procura discutir a seleção nacional como representação máxima do ideal político-ideológico através do futebol.

Para a realização deste estudo foram analisadas duas leis criadas pelo regime fascista italiano entre os anos de 1925 e 1926, as quais compõem a chamada legislação fascistíssima, que visou fazer com que o fascismo se colocasse mais à direita no espectro político, pretendendo se transformar em um regime totalitário. Esse conjunto de leis foi publicado no periódico *Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia*. Também são analisados os anuários da federação de futebol italiana entre os anos de 1929 e 1932, onde está publicado o documento que reorganizou o futebol da Itália, a Carta de Viareggio. Estes anuários constituem a principal documentação relacionada diretamente ao esporte. O periódico italiano *Il Littoriale* completa as fontes utilizadas na presente pesquisa. Todas estas fontes encontram-se disponíveis na internet, sendo que ao final deste trabalho estão elencados os sites e os links para a busca online.

Este trabalho justifica-se pelo fato de que, mesmo passados quase cem anos do surgimento do fascismo, ainda persistam ideias fascistas na contemporaneidade, em especial no futebol, onde, por exemplo, verificamos o surgimento (1987) dos *Irriducibili* do clube de futebol Lazio, da Itália (grupo que prega o racismo e são antissemitas, bem como difundem outros conceitos próprios do fascismo). Outro elemento para justificar esta pesquisa diz respeito a questões pessoais ou mesmo emocionais. Por um lado, ao buscar um estudo que relacione futebol com questões políticas, manifesto meu sentimento de “paixão” pelo esporte

mais praticado no mundo. Por outro, a escolha por trabalhar com o conceito *fascismo* visa demonstrar minha indignação com regimes políticos autoritários e extremistas que, além de tolher as liberdades dos indivíduos, protagonizam um ambiente de terror, tortura, racismo e diversos preconceitos, de modo que manifestam todo seu ódio em relação às minorias e ao “diferente”.

Acredito que tratar de questões como o fascismo são imprescindíveis para que se possa vislumbrar a construção de uma tomada de consciência na sociedade sobre os efeitos desse e de outros regimes políticos de extrema direita. Além disso, a existência de grupos neofascistas e neonazistas faz com que a necessidade de conhecimento sobre a gravidade do assunto se torne fundamental para que se possa combater o avanço de sua ideologia e influência. Como bem destaca o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva,

não podemos tratar o fascismo como um movimento morto, pertencente à história e sem qualquer papel político contemporâneo. Encontramo-nos, desta forma, numa situação insólita: sabemos qual a prática e as consequências do fascismo e sabemos, ainda, que não é um fenômeno puramente histórico, aprisionado no passado. Assim, torna-se impossível escrever sobre fascismo histórico – o que é apenas uma distinção didática – sem ter em mente o neofascismo e suas possibilidades (2000, p. 112).

Abordar a questão tendo como plano de fundo o futebol me parece essencial pois, na medida em que esses grupos estão infiltrados nas torcidas de futebol, o problema se torna latente também no campo esportivo, podendo (e isso infelizmente já é realidade em alguns locais) se expandir para fora dos estádios. Tendo por base essa noção de relevância social, entendo que trabalhar a relação entre fascismo e futebol, mesmo que centrando a análise em um período não atual e em um espaço específico, se faz necessário e adquire importância histórica e contemporânea.

O recorte espacial legitima-se por ter sido a Itália a região onde surgiu o movimento denominado fascismo logo após a Primeira Guerra Mundial. Mais do que isso, talvez tenha sido na Itália onde o futebol mais intensamente fora utilizado como meio de promoção e divulgação de uma concepção político-ideológica na história. Já o recorte temporal que foi estabelecido para esta pesquisa, apoia-se no princípio de que, com o evento conhecido como Marcha sobre Roma, tem-se a ascensão ao poder do Partido Nacional Fascista justamente em 1922. Já em 1938, ano final do período estudado, é exatamente o momento em que a seleção italiana se encontra no ápice de sua capacidade futebolística, conquistando seu segundo

campeonato mundial e de forma consecutiva. Além disso, após 1938 a Copa do Mundo (evento que potencializa e canaliza as atenções do planeta para um determinado lugar e momento) é suspensa por doze anos em virtude do início da Segunda Guerra Mundial, retornando apenas em 1950.

Nos últimos anos o estudo do futebol, numa perspectiva mais acadêmica, vem ganhando cada vez mais espaço. Dentro da ideia que este trabalho se propõe a fazer – ou seja, analisar a relação entre futebol e fascismo – existem alguns livros já publicados. No entanto, as produções até o momento ainda discutem predominantemente o caráter propagandístico que envolve o fascismo e sua aproximação do futebol. Questões nacionalistas e de promoção política ainda estão como elementos centrais nas discussões. Entre as publicações que abordam o tema, mesmo que de modo superficial, destaco duas que foram produzidas nos últimos quinze anos: *Calcio, 1898-2007: Storia dello sport che ha fatto l'Italia* (2007) é um livro do historiador britânico John Foot. Temos também o trabalho de Gilberto Agostino, que escreve um capítulo do livro *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional* (2002) tratando do assunto.

O livro de Foot, assim como o de Agostino, não faz um estudo da relação entre futebol e fascismo unicamente. A obra traça um panorama do esporte na Itália desde 1898, ano do primeiro campeonato, até a conquista da Copa do Mundo de 2006. O autor aborda os principais momentos do futebol no país através de uma série de eventos, narrando, por exemplo, feitos e particularidades de jogadores, dirigentes e árbitros dentro do ambiente futebolístico. Um desses eventos foram as Jornadas Vermelhas de Viareggio, quando um amistoso entre dois lados da Toscana, em 1920, provocou uma insurreição armada de dois dias.

Gilberto Agostino, por sua vez, dedica um capítulo a tratar da interferência do fascismo no futebol. O autor, no que se refere à Itália, aborda a questão de fusão de clubes ocorridas durante o regime fascista, bem como faz referência à importação de jogadores, os chamados *oriundi*, para jogarem pela Itália. Em ambos os casos não há um questionamento mais intenso quanto às motivações ou defesa dessas medidas, ficando a análise, pode-se dizer, num nível apenas informativo. Agostino chega a fazer menção, não mais do que isso, que houve uma reestruturação do futebol italiano sob o fascismo a partir de 1926. No entanto, o autor não explicita como se deu essa reestruturação e nem que mecanismos foram utilizados. O ponto central do capítulo é associar Mussolini e o fascismo à seleção nacional durante os jogos. Mais uma vez o futebol aparece atrelado ao fascismo como meio de propaganda.

Pelo que se percebe do que já foi publicado sobre o tema, a relação entre futebol e fascismo na Itália aparece, por vezes, associada à propaganda do regime. A produção sobre a ação do fascismo dentro do futebol italiano, numa perspectiva que extrapole o caráter de propaganda política, ainda não foi destacada. É justamente esta discussão que este trabalho se propõe a fazer.

A ideia de pesquisa surge a partir de uma afirmação do historiador britânico John Foot: “*o fascismo era bom para o futebol, e o futebol era bom para o fascismo*” (2007, p. 52). Para compreender isso, procura-se responder a algumas questões. Por que o futebol se tornou parte fundamental da propaganda do regime? Mais do que um simples meio de propaganda política, o futebol, na Itália fascista, não teria servido como uma própria projeção de organização política e social pretendida pelo regime? Por que o futebol serviu ao fascismo?

Frequentemente, os trabalhos acadêmicos sobre as relações estabelecidas entre futebol e política transitam pelo caráter de propaganda, legitimação ou simples divulgação, através do esporte, de determinado regime político. Esta pesquisa, no entanto, visa discutir se o futebol, ao menos no caso italiano, não ultrapassou os limites da propaganda, se não se tornou algo mais profundo do que promoção política. Procura-se compreender o fascismo italiano através de sua ação no *calcio* (nome italiano do esporte), perceber a sua atuação a partir do futebol. Intenta-se verificar como a concepção política do fascismo se expressou através do esporte.

De modo geral, o objetivo central da pesquisa pode ser compreendido através da seguinte pergunta: como o fascismo se manifestou no futebol italiano durante o período fascista?

Como outras produções já demonstraram (mesmo que superficialmente), a propaganda no esporte foi um elemento significativo durante o fascismo. No entanto, este trabalho busca perceber se o fascismo não se manifestou no futebol italiano de forma mais intensa do que apenas no campo da promoção político-ideológica. Este é o diferencial desta produção em relação aos escritos anteriores. Procura-se verificar se o fascismo na Itália não agiu no futebol de forma a expressar sua própria concepção política, tanto nas estruturas internas (da organização futebolística), quanto nas questões externas (a propaganda). A própria abordagem da propaganda não pretende tratá-la somente como forma de divulgação de um regime político, mas sim compreendê-la como um elemento constitutivo do que é o fascismo. “*O fascismo é aquilo que ele faz diz sobre si mesmo*” (TEIXEIRA, 2000, p. 127).

Visando atingir o objetivo do trabalho de verificar como o fascismo italiano se manifestou no futebol da Itália, trabalhamos o conceito de fascismo, caracterizando-o e relacionando-o a aspectos do esporte. Para a realização da abordagem conceitual acerca do fascismo utilizamos autores como Francisco Carlos Teixeira<sup>1</sup>, Robert Paxton<sup>2</sup> e Norberto Bobbio<sup>3</sup>. Para Teixeira, o fascismo se constitui numa forma radical de política autoritária e nacionalista, onde os agentes procuravam unificar a nação através de um Estado forte. O fascismo despreza as liberdades democráticas e vê no líder carismático (*Duce* ou *Fuhrer*) e no Executivo a legitimidade para fazer intervenções e emanar normas que coloquem o Estado como ponto central da nação, em detrimento dos indivíduos. Teixeira estabelece alguns elementos que seriam constitutivos do fascismo. O *antiliberalismo e antiparlamentarismo*, o *Estado orgânico e a liderança carismática*, a *comunidade do povo e a sociedade corporativa e a destruição do eu e a negação do outro* são elementos que auxiliam a construir uma fenomenologia do fascismo<sup>4</sup>. Já Robert Paxton e Norberto Bobbio compreendem o fascismo como uma forma política amparada na mobilização das massas em torno dos objetivos do regime e no controle total – pelo poder Executivo – do Estado.

A partir das proposições desses estudiosos sobre o que caracterizou o fascismo, buscamos compreender esse regime político e relacioná-lo ao futebol no período delimitado. Ao analisar as fontes e a bibliografia disponível, objetivamos entender a aproximação do fascismo ao futebol e como ele se manifestou no esporte.

Ao abordar o fascismo e sua atuação no futebol surgem alguns questionamentos quanto às formas de utilização do esporte pelo regime. Afinal, por que o fascismo se apropria do futebol? Ou ainda, a relação estabelecida entre o fascismo italiano e o futebol se explica apenas pela capacidade propagandística do esporte? Ele se vale do futebol apenas pela sua possibilidade de promoção e divulgação de algo ou visa aplicar no esporte uma concepção política (ou projeção de), uma organização social pretendida?

Nas diversas situações de apropriação do futebol pelo poder político, o objetivo principal era promover, legitimar e divulgar a política do regime em questão. Isso é verificado na Copa do Mundo de 1950 no Brasil pelo governo brasileiro de então, bem como na Copa de 1970 pela ditadura militar. No ambiente das ditaduras na América Latina, tem-se ainda o caso

---

<sup>1</sup> SILVA, Francisco C.T. da, “*Os fascismos*” In.: REIS FILHO, Daniel Aarão. Século XX. Vol. II: o tempo das crises. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

<sup>2</sup> PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>3</sup> BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Edunb, 1998. 2 v.

<sup>4</sup> Esses elementos constitutivos são detalhados no capítulo dois.

argentino. Durante a Copa de 1978, disputada na própria Argentina, os militares procuraram destacar o regime estabelecido em 1976 e exaltar a nação<sup>5</sup>. A própria Alemanha Nazista buscou se autopromover através do futebol na Copa de 1938, bem como tentou confirmar pelo esporte, principalmente nas Olimpíadas de Berlim em 1936, a sua ideia de superioridade racial<sup>6</sup>.

Entendemos ser necessário que se reflita um pouco mais sobre o fascismo italiano e sua utilização do esporte objetivando compreender melhor os métodos de atuação e mesmo de dominação empregados por este Estado. Outra questão que levantamos é quanto às particularidades da relação fascismo e futebol na Itália. Será que na Itália não houve algo diferente na apropriação do jogo pela política? Será que seguiu a mesma perspectiva de propaganda dos demais casos (Brasil, Alemanha e Argentina)?

Diferentemente dos casos citados anteriormente, na Itália houve uma sequência de conquistas importantes no futebol durante o período fascista. A seleção nacional venceu as Copas do Mundo de 1934 e 1938, bem como conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1936. Mesmo a seleção do Brasil, nos seus 21 anos de ditadura militar, conquistou apenas uma Copa do Mundo, assim como a Argentina. Será que as mudanças estruturais promovidas pelo fascismo italiano e sua atuação nos bastidores do jogo não podem ter contribuído para que a *Azzurra* tenha obtido um número considerável de conquistas relevantes num curto espaço de tempo?

A estas questões, assim como outras possíveis que eventualmente surjam ao longo da pesquisa, buscamos responder a partir das fontes e das bibliografias consultadas.

Segundo Ronaldo Helal (1990), apesar de sua relevância para a compreensão da sociedade contemporânea, o futebol por muito tempo foi um dos fenômenos sociais menos estudados na academia. Normalmente encontravam-se apenas manuais de regras do jogo ou que rememoravam as origens do esporte. Essa precariedade de estudos acerca dos esportes residia nos interesses que os intelectuais de esquerda costumavam defender. Conforme Helal

Esta atitude de menosprezo pelo esporte era, até certo ponto, o reflexo imediato da negligência das Ciências Sociais por temas que se interessavam pelo cotidiano das pessoas. Somente os temas referentes à política, à economia e às

---

<sup>5</sup> AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2002.

<sup>6</sup> GEHRINGER, Max. *Almanaque dos Mundiais: os mais curiosos casos de 1930 a 2006*. São Paulo: Globo, 2006.

relações internacionais é que eram considerados “sérios” e merecedores de estudo (1990, p.15).

Além disso, é necessário lembrar da resistência oferecida pelos comunistas de um modo geral. Dentro dos partidos comunistas circulava a ideia de que o futebol prestaria auxílio apenas ao Estado e às classes dominantes, pois serviria para propagar suas ideologias, manipular as massas e alienar os trabalhadores. No entanto, mesmo dentro dos partidos comunistas e socialistas havia grupos que defendiam o futebol como espaço de integração da classe trabalhadora e como importante instrumento para a difusão de ideais de esquerda. Além disso, nos clubes onde os operários conseguiam benefícios variados não fazia sentido evitar que os trabalhadores usufruíssem de determinados ganhos. Palmiro Togliatti<sup>7</sup>, membro do partido comunista italiano na primeira metade do século XX, já defendia a apropriação do esporte pela classe operária. Segundo Togliatti,

É hora de deixar de pensar que os operários não devem praticar esporte. Mesmo as vantagens menores não são desprezadas pelos operários. O operário está sempre em busca da mínima coisa que possa melhorar sua condição. Mesmo o simples fato de poder estar de noite numa sala e ouvir o rádio é uma coisa que lhe dá prazer. Não podemos nos levantar contra o operário que aceita entrar nessa sala, somente pelo fato de que o emblema fascista figura por sobre a porta (1978, p. 76).

Os conflitos em torno do futebol e de sua apropriação pela classe operária fizeram com que o esporte fosse pouco estudado ao longo dos anos. Felizmente essa realidade vem ficando para trás e o futebol começa a ser estudado dentro da Academia como fenômeno de grande importância.

Esse esporte carrega, desde fins do século XIX, um forte simbolismo e traz consigo uma significativa possibilidade de compreensão da história social e política da contemporaneidade. A relação entre História e futebol pode oferecer uma visão muito propícia à compreensão dos usos que os grupos dominantes fizeram, através de instituições, para propagar e legitimar suas ações. O futebol já foi instrumento de propaganda política, interrompeu conflitos, influenciou em decisões econômicas e auxiliou no fortalecimento das identidades, tanto nacionais quanto regionais. Como bem escreveu Hobsbawm, o futebol é um “*produto cultural mundial*” e foi “*o esporte que o mundo tornou seu*” (1994, p.197).

---

<sup>7</sup> TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. 137 p.

Ao longo de sua ainda recente história, o futebol, e o esporte de modo geral, sempre estiveram ligados a questões políticas e culturais. Segundo Helal, “*o esporte é uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno*” (1990, p.11). O interessante é perceber de que maneira o futebol se relacionou e se relaciona com esses elementos da sociedade, para percebermos que ele está para além de um entretenimento ou de um produto puramente econômico da sociedade capitalista. “*A história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações*”<sup>8</sup>.

O trabalho é dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo aborda-se o surgimento do futebol moderno e sua relação, segundo Elias e Dunning (1992), com o processo civilizatório<sup>9</sup>. Além disso, trata-se dos primórdios do futebol na Itália, da influência inglesa na difusão do jogo pelo mundo e da chegada do jogo moderno ao país do *calcio*.

O segundo capítulo é voltado para a compreensão acerca do que foi o fascismo, especialmente o italiano. Aborda-se seu contexto de surgimento e seu líder, bem como caracteriza-se o movimento que mobilizou milhões de pessoas. Busca-se perceber, através de sua atuação dentro do futebol (com a reestruturação da FIGC, dos clubes e do campeonato nacional), como o fascismo manifestou sua concepção político-ideológica no esporte.

Por fim, o terceiro capítulo visa compreender a razão pela qual o fascismo se apropriou do futebol e como este representou sua ideologia. Através de uma análise da seleção nacional, das copas do mundo de 1934 e 1938, bem como do próprio fascismo, objetiva-se perceber como esse regime político usufruiu do esporte para difundir sua ideologia.

---

<sup>8</sup>FRANCO JÚNIOR, p. 24. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>9</sup>ELIAS, Norbert. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Economica, 1992.

## 2. *Football* e o processo civilizador

Ao longo dos séculos, e em diversas partes do mundo, houve práticas que, por vezes, associam-se ao futebol. No entanto, todas essas práticas correspondem, segundo Franco Junior (2007), a condições culturais específicas de cada região num determinado momento. Isso faz com que se torne muito complicado traçar uma linha evolutiva do futebol, de modo que o jogo moderno deve ser compreendido como resultante de uma série de fatores singulares que aparecem em período, região e conjuntura específicos. As atividades praticadas pelos povos antigos eram derivadas de situações culturais determinadas, sejam elas religiosas ou mesmo belicosas. O futebol moderno, tal qual o conhecemos hoje, surgiu na Inglaterra a partir de um conjunto de fatores presentes naquele país. Foram os ingleses que, através da criação de um conjunto de regras, possibilitaram a ascensão do futebol nos moldes atuais<sup>10</sup>.

A Inglaterra do século XIX presenciou um processo de transformação dos passatempos aristocráticos em esportes. Tal alteração foi motivada, entre outras razões, pelo estabelecimento de um código de regras e modificações na conduta humana. Os surgimentos dos esportes modernos se relacionam intimamente com a conjuntura política e social inglesa nos séculos XVIII e XIX, de modo que é essencial compreender o contexto da Inglaterra no referido período. Fundamental também é perceber a interpretação de Norbert Elias e Eric Dunning sobre as transformações ocorridas naquele momento.

A passagem do século XVIII para o XIX é marcada pela *esportivização*, ou seja, a transformação dos passatempos em esportes, o que para Elias e Dunning (1992) demonstra um “*esforço civilizador*”.<sup>11</sup> Nessa época houve importantes alterações na sociedade inglesa, como, por exemplo, o processo de parlamentarização na política. A parlamentarização do regime político necessitava de um respeito às regras e de condutas socialmente aceitas. Antes de ocorrer tal processo na Inglaterra, os conflitos e as divergências eram resolvidos a partir do uso de violência em quase todos os casos. Com a parlamentarização, e as consequentes interdependências entre os indivíduos, as querelas foram sendo resolvidas através do “*jogo político*”.<sup>12</sup> Os embates políticos não eram mais baseados no medo de retaliação, mortes ou abuso de poder, mas sim nas competências dos grupos dirigentes e suas técnicas verbais nos

---

<sup>10</sup> FRANCO JÚNIOR, 2007.

<sup>11</sup> ELIAS e DUNNING, 1992, p. 34.

<sup>12</sup> BOSCHILIA e MARCHI JUNIOR, (2007). Disponível em [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos\\_PDF/Bruno\\_Boschilia.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Bruno_Boschilia.pdf)

debates, pois o regime parlamentar pressupunha um controle das *tensões sociais*<sup>13</sup>. Esse novo contexto ajuda a explicar as limitações impostas à violência entre os indivíduos por meio de normas sociais, as quais, segundo Elias e Dunning (1992), pressupõem um autocontrole para a convivência social<sup>14</sup>. A partir desse novo cenário também é possível compreender a razão pela qual o desenvolvimento dos jogos-competições se constituíram primeiro na Inglaterra.

Na produção de Elias e Dunning o esporte é tido como um exemplo bastante ilustrativo do controle das pulsões no meio social. No trabalho dos autores, onde eles analisam a passagem dos territórios medievais a Estados nacionais, os jogos ganham destaque como um dos elementos constituintes do processo transformador em todos os níveis socioculturais. Ao conjunto de fatores modificantes da ordem vigente Elias chamou de “*processo civilizador*”. Segundo ele, durante a centralização e o monopólio da força física, que são decorrentes desse “*processo civilizador*”, o qual surge na esteira da formação dos Estados, teria ocorrido o desenvolvimento de um maior controle social. Além disso, as atividades teriam se tornado menos violentas e com um grau de regulação maior. A partir desse momento tem-se o início dos desportos no sentido moderno. Os esportes servem também, conforme Elias e Dunning, para que aja um “*equilíbrio de tensão*” (1992, p. 28).

Segundo Elias e Dunning (1992), ao analisar a violência no desporto se deve relembrar a Revolução Industrial. Para eles, a “*desportivização*” veio auxiliar no processo civilizatório da sociedade. A aceitação rápida do desporto em certos países poderia estar relacionada à necessidade crescente de atividades de recreação mais ordenadas, mais normatizadas e de menor violência física entre os praticantes. “*A conjuntura social, política e econômica (...) influenciou decisivamente no surgimento de um habitus esportivo tributário de mudanças mais amplas na sociedade e, simultaneamente, diverso dos jogos praticados na antiguidade*”<sup>15</sup>.

De acordo com Arlei Damo (2002), o *habitus social*, através do processo civilizador, converteu a violência física em violência simbólica. Esse processo, que é de longa duração, transformou a coerção externa em autocontrole. Essas transformações redefiniram os comportamentos e se fizeram paralelas à formação do Estado, bem como tiveram por finalidade manter determinadas distinções de classe.

---

<sup>13</sup>Conforme FRANCO JUNIOR (p. 27).

<sup>14</sup>ELIAS e DUNNING, 1992, p. 36.

<sup>15</sup>DAMO, Arlei. 2002, p. 16.

Algumas práticas esportivas eram costumeiras entre as classes dominantes e se relacionavam, de certo modo, a elementos ligados à defesa militar inglesa. O arco e flecha, a equitação, a esgrima e a caça são exemplos disso. Essas atividades – que serviam também para controlar os impulsos e as energias<sup>16</sup> – eram praticadas pelos filhos de famílias abastadas, os quais começavam a povoar as principais escolas. Foi justamente nas escolas britânicas que o futebol moderno nasceu. Segundo Giulianotti,

Em 1828, Thomas Arnold tornou-se diretor de uma escola na cidade de Rugby e revolucionou a educação moral dos jovens ricos da nação. O esporte e a educação física foram fundamentais para essa missão. Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*. Os novos “cavalheiros cristãos” deveriam manter a ordem política e econômica no lar e, mais tarde, dar sustentação à expansão do império no exterior (2002, p. 18).

Os dirigentes dessa aristocracia tinham o interesse em reformular a educação então dominante no país. O futebol, e os esportes em geral, poderiam atender a esse propósito. O século XIX presenciou o auge dos ideais racionalistas e progressistas, sendo que diversas instâncias da vida cotidiana dos britânicos viriam a ser dotadas de normas.

A Revolução Industrial e a urbanização pressupunham uma relação harmoniosa entre os indivíduos, de forma a possibilitar a vida em sociedade. Para tanto se fazia necessário o estabelecimento de restrições no comportamento, e foi através de decretos e códigos promovidos pelo Estado que a vivência em comunidade se tornou possível. O século XIX foi marcado pela padronização e codificação em diversos planos da vida inglesa, entre eles o futebol. Para atender às intenções da aristocracia britânica era necessário regulamentar e organizar os esportes de modo a corresponder aos padrões almejados pelas elites.

É inegável que o futebol moderno visava forjar elites aptas a governar. Em 1864, o jornal londrino *The Field* definia-o como preparação para os futuros governantes do país. O futebol moderno nasceu como instrumento do darwinismo social. Essa nova concepção alimentava a ideologia mais antiga do liberalismo, visto como essencial para que não surgissem novos Bonapartes, para que os mercados de todo o mundo estivessem abertos aos produtos da Inglaterra, para que sua monarquia parlamentarista pudesse funcionar com o mínimo de tensões sociais (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 27).

---

<sup>16</sup> ELIAS e DUNNING, 1992.

A partir de seus estudos, Elias e Dunning identificaram determinadas modificações no comportamento humano ao longo do tempo. Perceberam que, a partir do século XVII, as sociedades passaram a ter um comportamento de maior autocontrole, bem como verificou-se um progressivo aumento de restrições nas relações sociais. Essas alterações foram possibilitadas, fundamentalmente, pela ascensão dos Estados Nacionais. Com a crescente institucionalização do Estado, sustentada principalmente na legitimação dos monopólios tributários e na utilização da violência, o indivíduo se viu na necessidade de autocontrolar seus anseios e instintos. Entre outros motivos para essa mudança, pode-se destacar os novos padrões e sistemas de interdependência sociais surgidos nos últimos séculos.

Si las tensiones sociales se acercan al umbral de la violencia o lo rebasan, todo régimen parlamentario está en riesgo de sucumbir. En otras palabras, su funcionamiento depende de que el país pueda o no monopolizar la violencia física, mantener estable la pacificación social interna. Esa estabilidad, empero, depende hasta cierto punto del nivel de restricción que individualmente tengan las personas que conforman estas sociedades (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 40 e 41).

Elias e Dunning percebem o esporte como elemento cuja função é disciplinar, pois contribui para o surgimento de uma nova postura do indivíduo, essa marcada pelo autocontrole. Os autores entendem o processo civilizador como algo que multiplica e expande o autocontrole e o controle social. A civilização seria o adestramento e pacificação dos costumes. A modernidade seria caracterizada pela ruptura com as tradições sociais até então. Nesse contexto, o esporte se insere como um sistema que disciplina, dentro da ideia do processo civilizador e da própria formação do homem moderno. As instituições começam a manipular e controlar o corpo e o esporte segue esse sistema disciplinador para se profissionalizar.

De maneira objetiva, a ideia geral tida com a utilização dos esportes no controle social pode ser compreendida da seguinte forma:

En esencia, el surgimiento del deporte como forma de lucha física relativamente no violenta tuvo que ver con un desarrollo relativamente extraño dentro de la sociedad en general: se apaciguaron los ciclos de violencia y se puso fin a las luchas de interés y de credo religioso de una manera que permitía que los dos principales contendientes por el poder gubernamental resolvieran completamente sus diferencias por medios no violentos y de acuerdo con reglas convenidas y observadas por ambas partes (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 39).

Ao se afastarem de práticas violentas e passarem para uma disputa em um nível de negociação “pacífica” e regulamentada, as disputas políticas inglesas se constituem como um avanço de civilização. Nessa perspectiva pode-se perceber que as alterações nas condutas foram estendidas a outras situações da vida cotidiana de políticos e aristocratas, como atividades praticadas no tempo livre. Segundo Boschilia e Marchi Júnior (2007), a partir disso é possível haver relações entre as modificações políticas ocorridas e a regulamentação de esportes, “*não em um sentido de causa e efeito, mas sim, como parte de um processo que atua em uma determinada direção suprimindo e abarcando condutas*” (BOSCHILIA e MARCHI JUNIOR, 2007, p. 3).

Richard Giulianotti (2002) nos ajuda a pensar o surgimento do futebol e sua relação com o processo civilizador. Segundo o autor, a partir de 1860, quando a legislação do futebol e dos esportes em geral entra em vigor, a cultura dos esportes passa a ter destaque.

A “racionalização” e a “secularização” do jogo (Elias) e sua capacidade de promover a ordem social (Durkheim) foram desenvolvidas na Grã-Bretanha por uma classe social privilegiada, com seus próprios interesses materiais. (...) a reputação social dos jogos aumentou também, sendo “elevados ao status mais sério e envolvente de esporte” (GIULIANOTTI, 2002, p. 18).

A partir do século XVIII a Inglaterra sofreu uma série de transformações, tanto políticas como sociais e econômicas. Consolidava-se o governo parlamentar e a Revolução Industrial ganhava forma, representando a afirmação do capitalismo na sociedade inglesa. As pessoas (trabalhadores) começavam a vivenciar novas dinâmicas no modo de produção, bem como a socialização entre os indivíduos desse meio adquiria novos contornos. A industrialização originou um novo tipo de cidadão (operário) em um novo ambiente social (urbano). O crescimento das cidades tornou necessária a criação de instalações habitacionais até então desconhecidas, de saneamento, de fornecimento de alimentos e transporte público. Para Marvin Perry,

As inovações na produção agrícola, na organização dos negócios e na tecnologia tiveram consequências revolucionárias para a sociedade, a economia e a política. As pessoas foram impulsionadas do campo para as cidades, e os modos de vida tradicionais se alteraram (1999, p. 357).

Uma nova dinâmica social emergia e as modificações causadas pela Revolução Industrial também se apresentaram no jogo com a bola. Para que as liberdades não levassem a excessos desorganizadores, era fundamental estabelecer regras, sejam elas para a vida em sociedade ou mesmo para os esportes. Nesse sentido é que representantes de várias escolas se reuniram em Cambridge, em 1848, para tentar uniformizar as normas do futebol, as quais variavam em cada local. No entanto, essa primeira tentativa de uniformização de regras não surtiu efeito. Até 1863 não existiam regras aceitas universalmente para o futebol, sendo os principais códigos utilizados provenientes das escolas de Cambridge, de Sheffield e de Rugby.

O futebol surgiu enquanto esporte moderno após a tentativa de se estabelecer normas “universais” para o jogo, pois, embora já bem popular nas universidades da Inglaterra durante o século XIX, cada universidade possuía suas próprias regras. A variação de regras entre praticantes de diferentes universidades inglesas, fez com que houvesse a necessidade de uma padronização das regras do jogo.

Na década de 1860, os campeonatos entre faculdades dividiam os estudantes em dois grupos. Os veteranos de Rugby eram favoráveis a um jogo que permitisse chutes nas canelas e o uso das mãos, enquanto outro grupo não aceitava essas definições (Giulianotti, 2002, p.18). Foi quando alunos de Harrow resolveram estabelecer suas regras e deixar Rugby formular suas normas, as quais deram origem ao jogo que leva seu nome. Apenas em 1863, com a criação da *Football Association*, é que se chegou a um acordo quanto às regras. “*A codificação foi aprovada em assembleia (...). Eram catorze regras simples, que davam identidade própria ao football*” (FRANCO JUNIOR, p. 28).

Comumente se aceita a data de 26 de outubro de 1863 como momento do nascimento do futebol moderno, pois com a fundação da FA o futebol se organizou e difundiu suas regras de forma mais homogênea entre os praticantes. A partir desse momento organizou-se tabelas e datas dos jogos, ou seja, se começava a controlar a prática esportiva.<sup>17</sup>

## 2.1 O Imperialismo britânico e a difusão do futebol

O século XIX foi um período marcado pelo progressivo aumento de influências do Império Britânico. Após as Guerras Napoleônicas e a consequente derrota do Império Francês, a Inglaterra passou a liderar o poder mundial e a controlar grande parte da população

---

<sup>17</sup>Conforme nethistoria.com.br, disponível em [http://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/450/as\\_origens\\_do\\_futebol\\_na\\_inglesa\\_e\\_no\\_brasil/capitulo/2/](http://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/450/as_origens_do_futebol_na_inglesa_e_no_brasil/capitulo/2/). Acesso em 19/07/2015.

e dos territórios no mundo. Os ingleses incentivaram o comércio em nível global e procuraram estender relações com o maior número de países possível. A Revolução Industrial alterou a forma de produção e organização do trabalho, promovendo diversas modificações na sociedade. O poderio inglês se fazia sentir na economia e na cultura, uma vez que suas colônias e seus aliados mantinham uma relação muito próxima e interdependente.

Pode-se considerar que o século XIX configurou-se como o século do imperialismo inglês. A Inglaterra era a grande potência marítima do momento e, segundo Vizentini (2007), era considerada a *Senhora dos mares e a oficina do mundo*<sup>18</sup>. Nesse sentido, o sistema mundial assentava-se nos oceanos e, por conseguinte, nos circuitos da economia inglesa. Os ingleses defendiam o livre comércio como princípio máximo do sistema mundial, mas essa defesa não era motivada visando um equilíbrio de poderes na Europa, e sim a manter a hegemonia da própria Inglaterra. A situação britânica começa a mudar no limiar do século XX quando, segundo Lenine, o capitalismo deixa de ser caracterizado pela exportação de mercadorias e passa a ser pela exportação de capitais, onde impera o monopólio<sup>19</sup>.

Assim como o comércio da Inglaterra se expandiu pelo mundo, também seus aspectos culturais ganharam mais espaço no cenário mundial. E o futebol seguiu nessa perspectiva.

O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam, mesmo sem premeditação, e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles, o futebol (FRANCO JUNIOR, p. 40).

Este esporte, que acabou se tornando elemento de difusão de uma cultura britânica, se instaurou em todo o mundo devido à influência do imperialismo da Grã-Bretanha, de maneira que sua disseminação está intrinsecamente relacionada à sua vasta área de interferência.

Na segunda metade do século XIX cerca de um quarto da população mundial estava sob o domínio inglês e um terço da onda migratória da Europa partiu das Ilhas Britânicas. Segundo Gilmar Mascarenhas (2000), as redes de relações deste império ofereceram as rotas fundamentais para a difusão de bens culturais e materiais, sendo os migrantes ingleses que trabalhavam em empreendimentos da Grã-Bretanha no exterior os agentes de divulgação do

---

<sup>18</sup> VIZENTINI, 2007, p. 12.

<sup>19</sup> LENINE, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1984. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/cap4.htm>.

novo esporte. “*Em praticamente todos os países com os quais mantinha relações comerciais, os ingleses aportaram o futebol como mais um produto de sua vigorosa indústria*”<sup>20</sup>.

Conforme o que foi dito acima, verificamos que o primeiro clube de futebol criado fora das Ilhas Britânicas reside em Le Havre, França, em 1872. Essa é uma cidade portuária da Normandia, que mantém íntima ligação com a Inglaterra. Conforme Mascarenhas (2000), ao se estudar o advento do futebol em um determinado país ou região é essencial realizar um levantamento dos locais de atividade portuária, e de suas conexões com os ingleses, pois em diversos países os portos tornaram-se o local de entrada do jogo, de modo que as rotas comerciais atuaram com muita eficiência na propagação da novidade esportiva. Foi a partir das relações comerciais que o futebol chegou às colônias britânicas da África, Ásia e Oceania, bem como aos demais países que mantinham vínculos comerciais com os ingleses. Cidades portuárias como Gênova (Itália), Buenos Aires (Argentina), Montevideu (Uruguai) e Le Havre (França) foram de extrema importância para a implantação desse esporte em seus respectivos países, pois eram os portos o primeiro local de contato dos negociantes e trabalhadores britânicos com os parceiros comerciais. Cabe destacar ainda a importância de jovens bacharéis egressos de universidades europeias, os quais também cumpriram papel de difusores do futebol em seus países de origem. É caso de Portugal, por exemplo, onde o futebol não chegou por intermédio de marinheiros, mas sim trazido por jovens ingleses que residiam ali e por estudantes portugueses vindos da Inglaterra. Como escreveu Giulianotti, “*a influência política e cultural inglesa foi vital para a difusão internacional do futebol*” (2002, p. 24).

## 2.2 A bota e a bola

Práticas esportivas que frequentemente são associadas ao futebol encontram-se também na Itália e em dois momentos distintos. Na Roma Antiga, por volta do século II a.C, praticava-se um jogo chamado *Harpastum*. Os romanos haviam conhecido o jogo pelo contato com os gregos, os quais chamavam o “esporte” de *Epyskiros*. O Harpastum (que adotou formas próprias em Roma) baseava-se em um exercício militar semelhante a momentos de guerra e duravam horas, causando, inclusive, mortes. Este jogo assemelha-se ao

---

<sup>20</sup>MASCARENHAS (2000), disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-23.htm>. Acesso em 03 de agosto de 2015.

futebol por sua divisão no campo. Em quatro linhas dividiam-se os *astati*, os *veliti*, os *principi* e os *triari*, que equivalem aos atacantes, os meio campistas, os defensores e os goleiros. O esporte chegou a difundir-se pela Europa, Ásia e África setentrional. Segundo Franco Júnior, há uma hipótese (sem fundamentação documental) que diz que o Harpastum fora introduzido na Inglaterra pelas tropas romanas e que teria influenciado na criação do futebol moderno.

Em Florença, desde o século XIV praticava-se um jogo com bola, o *calcio*. Defendia-se que este era derivado do Harpastum da Roma Antiga, o que se relaciona com a própria perspectiva renascentista de buscar elementos da antiguidade. Ainda hoje os italianos referem-se ao futebol moderno como *calcio*, pois acreditam que o jogo atual derivou deste. O Harpastum fora introduzido em Florença por legionários romanos durante o império. Possivelmente ele tenha influenciado na criação do *Calcio Fiorentino*. A história do Calcio, um esporte semelhante ao Rugby, é tão folclórica em Florença quanto o jogo britânico. Ele configurou-se como um jogo urbano e ocupante do principal espaço da cidade, a *Piazza Santa Croce*. Tinha um número fixo de jogadores, valia-se de uniformes para diferenciar os praticantes e possuía um conjunto de regras. O *Calcio*, no entanto, era marcado por distinções sociais. Enquanto a nobreza jogava nas *piazze* principais com intensa participação de público no jogo, o povo considerava a atividade como pertencente a si, praticando-a em todos os espaços da cidade.

Devido a seu caráter nobiliárquico, o *calcio* foi ingrediente importante nas festas de casamento de membros da família Médici, que governou a cidade nos séculos XV – XVIII e incentivou o jogo por ver nele um treinamento paramilitar da elite local. Essa relação com o poder fez com que as mudanças político-sociais levassem ao desaparecimento do calcio em 1739. E ao ressurgimento em maio de 1930: a comemoração do quarto centenário de uma histórica partida jogada durante o cerco de Florença pelas tropas do Imperador austríaco Carlos V serviu às exaltações nacionalistas do Estado Fascista (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 17).

O jogo chegou a ser praticado por homens influentes no cenário político daquele momento. Nicolau Maquiavel, Alessandro de Médici, os papas Clemente VII e Urbano VIII estavam entre os adeptos. A família Médici, por exemplo, sempre se fazia presente nos espetáculos. Normalmente rodeada dos mais ilustres aristocratas locais e dos emissários que chegavam de várias partes da Europa, a família prestigiava o evento, conferindo-lhe um caráter de nobreza.

O Calcio Fiorentino era extremamente violento, de maneira que Giovanni di Bardi (militar e escritor italiano) se encarregou de estipular regras para a prática do esporte. O jogo passou a ser arbitrado por vários juízes, a bola podia ser impulsionada com os pés ou as mãos. Além disso, ela precisava ser introduzida numa barraca armada no fundo de cada campo. Não havia limite de jogadores, também por isso havia a necessidade de um número elevado juízes. Frequentemente as partidas eram feitas no Carnaval, tendo duração de uma hora e ocupando um espaço de 48 metros de comprimento em um terreno retangular. O desporto difundiu-se rapidamente por todo país. No entanto, com o passar dos anos a tradição foi perdendo espaço, de modo que durante os séculos XVIII e XIX o Calcio Fiorentino foi banido da cidade. Apenas em 1930, sob Mussolini, o jogo voltou a ser praticado na *Piazza Santa Croce*, pois o *Duce* queria recuperar as tradições italianas.

### 2.3 O futebol moderno chega à Itália

O futebol moderno (datado de 1863) se expandiu pelo continente europeu de forma e velocidades impressionantes. Os próprios ingleses se incumbiram de difundi-lo pela Europa e pelos demais continentes. Escolas inglesas foram fundamentais para a popularização do jogo na Alemanha e na Rússia. O futebol espanhol nasceu após a chegada de trabalhadores marítimos e carvoeiros da Grã-Bretanha que praticavam a atividade na década de 1890. Por volta de 1864 um grupo de marinheiros ingleses fez a primeira experiência do esporte em solo brasileiro. Pouco antes o futebol já havia chegado ao Rio de Janeiro, onde cidadãos ingleses estabeleceram residência e começaram a criar alguns times. Na Itália o futebol chegaria (oficialmente) em 1893.<sup>21</sup>

Como sabemos, os portos se estabeleceram como espaços decisivos na difusão do futebol moderno e, no que se refere à chegada do esporte na Itália, o porto de Gênova se constituiu como “berço” do novo jogo em solo italiano. Com a abertura do Canal de Suez em 1869, houve uma expansão das comunidades britânicas ao longo das principais rotas comerciais, e cidades portuárias italianas como Livorno, Gênova, Nápoles e Palermo passaram a abrigar e receber grande quantidade de ingleses, os quais levaram suas tradições esportivas.<sup>22</sup> No final do século XIX o porto de Gênova era um dos principais centros

---

<sup>21</sup>GIULIANOTTI, 2002, p. 23.

<sup>22</sup>FOOT, 2007, p. 18.

comerciais da Europa. Ali, marinheiros e “negociantes” ingleses disputavam espaços e afirmavam o poder político e econômico da Inglaterra. Dois importantes personagens da história do futebol italiano se destacaram nesse momento, Edoardo Bosio e James Spensley.

Bosio nasceu em Turim, formou-se em contabilidade e trabalhou para uma empresa britânica de têxteis, a *Thomas & Adams* de Nottingham. Trabalhando na Inglaterra, teve contato com o futebol e tornou-se adepto do jogo. Voltou à Itália em 1887 trazendo uma bola e o desejo de espalhar o esporte pelo país. Junto a colegas da empresa, fundou o Torino Football & Cricket Club, que praticava esportes de remo no verão e futebol no inverno.<sup>23</sup>

James Spensley foi um médico inglês que atuava nos navios, cuidando dos marinheiros. Chegou ao porto de Gênova em 1896 com o intuito de tratar de trabalhadores ingleses dos barcos de carvão. Amante do futebol, logo após sua chegada se uniu ao Genoa Cricket and Athletic Club, criado em 1893 por imigrantes britânicos e considerado o clube mais antigo da Itália.<sup>24</sup> Foi a partir de sua chegada que o futebol ganhou mais espaço no clube que até então se dedicava também ao atletismo e ao cricket. Quando de sua fundação, o Gênova não permitia a participação de italianos nas partidas, pois o time era considerado como um clube britânico no exterior. Somente em 1897, com a intervenção de Spensley, é que os italianos puderam praticar o esporte no clube.<sup>25</sup> Por sua atuação destacada na introdução do futebol na Itália, James Spensley é considerado o fundador do futebol no país.

Os portos da península itálica foram decisivos na expansão do futebol pela Itália. Cabe destacar ainda que os centros industriais e financeiros do Norte (como Milão e Turim) foram os primeiros locais onde se organizou times de futebol viáveis economicamente. Segundo Antonio Papa's, “*com notada precisão, o mapa do futebol retrata o mapa do capital estrangeiro na península*”.<sup>26</sup> Além disso, de acordo com Allen Guttmann (1994), os nomes dos primeiros clubes já são uma indicação das origens e influências britânicas no jogo que aportava em solo italiano. O futebol italiano começava a se formar. Esse futebol, que se configuraria como um dos mais vitoriosos na história do esporte, iniciava sua afirmação na Itália.

<sup>23</sup>Conforme o verbete da Wikipédia *calcio in italia*, disponível em [https://it.wikipedia.org/wiki/Calcio\\_in\\_Italia](https://it.wikipedia.org/wiki/Calcio_in_Italia). Acesso em 07 de Agosto de 2015.

<sup>24</sup>Apesar da fundação do Torino Football & Cricket Club em 1887, o Gênova possui a documentação mais antiga. Informação disponível em <http://genoacfc.it/genoa-c-f-c/1893-1897-le-origini/>. Acesso em 07 de agosto de 2015.

<sup>25</sup>Conforme John Foot, op. Cit. p. 22.

<sup>26</sup> PAPA'S *apud* GUTTMANN (1994, p.53). Tradução livre do autor. No original: “*With remarkable precision, the map of soccer retraces the map of foreign capital in the peninsula*”.

Em fins do século XIX e inícios do XX a Europa estava reformulando suas fronteiras e projetando suas identidades culturais. É justamente nesse momento que o futebol começa a se difundir por todas as partes do mundo. Processos de modernização, como industrialização e urbanização, estavam em ação, o que alterava os antigos laços sociais e culturais entre as comunidades. As nações modernas precisavam encontrar formas de construir novos caminhos para a unificação e integração de diferentes povos. A cultura popular (e o futebol se insere nela) constituiu-se como elemento essencial para forjar as identidades culturais nacionais e os “*eventos esportivos, principalmente partidas de futebol, tornaram-se os colaboradores mais importantes*” (GIULIANOTTI, 2002, p.42). O próprio nacionalismo (que está em plena expansão quando da modernização do futebol) fará parte da história inicial do jogo. Nas primeiras décadas do século XX o esporte conviveu e relacionou-se aos sentimentos nacionalistas e autoritarismos no mundo, inclusive (como veremos) na Itália.

### 3. A Europa e a Itália na primeira metade do século XX

Ao iniciar o século XX a Europa vivia o período que ficaria conhecido como *belle époque*, o qual representou um momento de otimismo vivido no Ocidente. Do final do Oitocentos ao início da Primeira Guerra Mundial em 1914, os europeus vivenciaram uma cultura cosmopolita até então desconhecida. As inovações que mudaram a vida das pessoas e a efervescência cultural que cercava a sociedade provocaram transformações sociais sem precedentes. “*O planeta parecia integrar-se econômica e culturalmente*”<sup>27</sup>. O desenvolvimento das comunicações, do telégrafo, dos transportes e os fluxos comerciais cada vez mais intensos ofereciam a ideia de progresso interminável entre as pessoas. No entanto, as primeiras décadas do Novecentos também presenciariam a passagem da liderança da ordem mundial da Inglaterra para os EUA e o ressurgimento de crises econômicas e depressões.

Já em fins do século XIX as potências europeias começaram a buscar a expansão colonial (por intermédio do imperialismo) para manter e mesmo ampliar suas zonas de influências e fortalecer seu poderio econômico. As grandes potências (Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Bélgica) justificavam a dominação sobre outros povos (especialmente sobre os africanos) baseados em teorias como o darwinismo social, a ideia de superioridade racial ou mesmo sob a alegação de uma *missão civilizadora da raça branca*<sup>28</sup>. Cada país colonizador se apropriou da prática imperialista a seu modo e as potências europeias acabaram competindo entre si por terras, força militar e econômica. O imperialismo e a ascensão de movimentos nacionalistas, bem como o *irredentismo*<sup>29</sup> (especialmente o italiano) acabariam contribuindo para a eclosão da Primeira Guerra, a qual causaria profundas transformações no cenário político, social e econômico mundial.

A guerra legou, especialmente à Europa, uma série de graves problemas. (...) No plano social observa-se a consolidação da sociedade de massas, configurada sobretudo com a emergência da classe operária e de seus partidos políticos (...). A crise do liberalismo, que é a característica fundamental do entreguerras, está relacionada ao desenvolvimento de uma economia fortemente monopolizada, enquanto as estruturas políticas e a organização social do trabalho permaneciam ainda as do capitalismo liberal. A guerra também gerou a crise da democracia liberal (VIZENTINI, 2007, p. 50 e 51).

---

<sup>27</sup>VIZENTINI, 2007, p. 11.

<sup>28</sup>Idem, p. 15.

<sup>29</sup>*Irredentismo* significa a aspiração de um povo a completar a própria unidade territorial nacional, anexando terras sujeitas ao domínio estrangeiro com base em teorias de uma identidade étnica ou de uma precedente posse histórica, verdadeira ou suposta. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Irredentismo>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

Fatores como a crise socioeconômica, a pressão de grupos financeiros e industriais e a crescente organização da classe operária, fizeram com que as instituições liberais fossem perdendo crédito. Na esteira da crise do chamado período entreguerras<sup>30</sup>, além das dificuldades na economia, graves tensões sociais e políticas despontaram e acabaram contribuindo para a ascensão de regimes políticos autoritários que defendiam a violência e o nacionalismo, entre eles o fascismo. A crise de 1929, com a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, acabaria desembocando na grande depressão econômica que percorreu a década de 1930. Segundo Vizentini (2007), a depressão econômica, associada à agitação social, favoreceu o surgimento de regimes autoritários em certos países, entre eles a Itália. Antes da primeira grande guerra e da ascensão do fascismo, a Itália passara por momentos fundamentais de transformação na sociedade. Iniciaram-se mudanças que possibilitariam a modernização do setor industrial. As mudanças e os progressos na economia não tinham precedentes na história italiana e, mesmo com carências e a não resolução do atraso meridional, o país pôde se lançar como uma grande potência da Europa. No entanto, apesar dos avanços econômicos, às vésperas do movimento fascista a Itália ainda era um país majoritariamente agrícola e com enormes disparidades entre o Norte (mais industrializado) e o Sul (agrícola). Esses desequilíbrios regionais também contribuiriam para a aparição de regimes como o fascismo<sup>31</sup>.

### 3.1 Fascismo e Itália Fascista

Desde o final do século XIX o liberalismo vinha ganhando espaço no cenário político ocidental e, mesmo após a Primeira Guerra Mundial, dava indícios de que iria continuar avançando<sup>32</sup>. Houve a formação de governos parlamentares por toda a Europa central e oriental, porém a democracia estava enfraquecendo.

Na Espanha, Portugal, Itália e Alemanha, e em todos os Estados recém-criados da Europa central e oriental (...), a democracia desmoronou, dando lugar a várias formas de governo autoritário. O recuo da democracia e o avanço do autoritarismo

---

<sup>30</sup> Para mais informações acessar o verbete *entreguerras* no site wikipedia. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Per%C3%ADodo\\_entreguerras](https://pt.wikipedia.org/wiki/Per%C3%ADodo_entreguerras). Acesso em 29 de setembro de 2015.

<sup>31</sup> GENTILE, Emilio. A Itália de Mussolini e a origem do fascismo. 1988, p. 12.

<sup>32</sup> PERRY, Marvin. Civilização Ocidental: uma história concisa, 1999.

são mais bem exemplificados pelo triunfo dos movimentos fascistas na Itália e na Alemanha (PERRY, 1999, p. 565).

O surgimento do fascismo<sup>33</sup> se deu na Itália. Mesmo estando entre os vencedores da I Guerra, o país estava em crise. Havia escassez de alimentos, elevação de preços, desemprego e greves. O governo liberal, que passava por disputas partidárias, não conseguia reagir para enfrentar a crise. Os problemas se agravaram pelos termos do acordo de paz da guerra. Os italianos ficaram descontentes por não terem recebido os frutos da vitória, como territórios na África e no Oriente Médio. De acordo com Emilio Gentile (1988), a guerra causou um grande processo de mobilização política envolvendo milhões de combatentes do proletariado e das classes médias. Os nacionalistas culpavam o governo liberal por não ter conseguido os benefícios da vitória. Segundo Marvin Perry (1999), Benito Mussolini, antigo socialista e veterano da I Guerra Mundial, buscou explorar a insatisfação do pós-guerra para obter o controle do Estado. Em 1919 ele organizou o partido Fascista, que atraiu adeptos entre os descontentes e desiludidos pela não conquista de benefícios com o triunfo na guerra. Segundo Gentile (1988), muitos industriais e latifundiários esperavam que Mussolini salvasse a Itália do bolchevismo e da guerra civil. Além disso, o novo movimento visava defender a guerra e valorizar a vitória no conflito. O fascismo foi passando por uma rápida sucessão de transformações, saindo de um movimento minúsculo em 1919 para se tornar um partido de massa<sup>34</sup>. Em 1922 ocorre a famosa Marcha sobre Roma, que representou a ascensão ao poder do Partido Nacional Fascista (PNF) e o fim da democracia liberal, com nomeação de Mussolini como chefe de governo pelo rei Vitor Emanuel III. Para Perry (1999), o fascismo triunfou não devido à sua própria força, mas porque o regime liberal não tinha forças para se opor.

Nascido como movimento “antipartido”, nacionalista e libertário, o fascismo absorve, durante o seu crescimento, ideologias e mitos do radicalismo de direita e de esquerda, ostentando o seu desprezo pelos sistemas doutrinários e pelo pensamento político formal. A sua força e o seu crescimento deveram-se ao *squadrismo*, que se afirmou como movimento armado, organizado militarmente, na obra de destruição das organizações socialistas e, posteriormente, católicas (GENTILE, 1988, p. 24).

---

<sup>33</sup> O termo fascismo derivou da antiga expressão latina, *fascio*, a qual denominava o feixe de varas carregado pelos litores na Roma antiga, e com os quais era aplicada a justiça. Segundo Teixeira (2000, p. 112), atualmente ele é símbolo de um movimento de extrema direita, nacionalista e autoritário.

<sup>34</sup> Conforme Gentile, apenas dois anos após sua criação o fascismo se tornou um movimento de massa, se afirmando, inclusive, em regiões agrícolas. Para mais informações acerca da passagem do fascismo à condição e movimento de massa, ver GENTILE, 1988, p. 8.

Não há um consenso quanto a definição de fascismo, no entanto, entende-se que ele se constituiu como a grande inovação política do século XX<sup>35</sup>. Para a construção deste capítulo trabalharemos com as definições de Fascismo propostas por Francisco Carlos Teixeira<sup>36</sup>, Robert Paxton e Norberto Bobbio. Segundo Teixeira, uma das características do fascismo<sup>37</sup> foi se constituir como um “conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945” (2000, p. 112). O fascismo seria uma forma radical de política autoritária e nacionalista, no qual seus agentes procuravam unificar a nação através de um Estado forte e vigilante. O fascismo surgiu na Itália após a Primeira Guerra Mundial e se estabeleceu no poder em 1922. Para Francisco Teixeira, o fascismo constitui um dos fenômenos centrais e mais característicos do entreguerras, sendo um evento com características peculiares. Citando Wolfgang Schieder, Teixeira escreve que

se reconhece como fascistas movimentos nacionalistas extremistas de estrutura hierárquica e autoritária e de ideologia antiliberal, antidemocrática e anti-socialista que fundaram ou intentaram fundar, após a Primeira Guerra Mundial, regimes estatais autoritários (SCHIEDER, 1972, *apud* TEIXEIRA, 2000, p. 118).

Paxton, por sua vez, entende o fascismo como uma forma de busca pela regeneração, pelo fortalecimento e pela purificação da Nação (2007, p. 336). Além disso, segundo o autor, o fascismo pode ser definido como

uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza ( PAXTON, 2007, p. 359).

---

<sup>35</sup> PAXTON, Robert. A anatomia do Fascismo.

<sup>36</sup> SILVA, Francisco C.T. da, “Os fascismos” In.: REIS FILHO, Daniel Aarão. Século XX. Vol. II: o tempo das crises. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

<sup>37</sup> Teixeira trabalha com a ideia de *fascismos* (no plural). Para o autor, as expressões nazismo, nacional-socialismo, hitlerismo etc, tratam de uma mesma realidade política: regimes de extrema direita que dominam alguns países no período em questão (TEIXEIRA, p. 112). Ele entende ainda que, apesar de particularidades, esses regimes dão coerência a um mesmo fenômeno, o fascismo (p. 124).

De acordo com Paxton, o fascismo redefiniu as fronteiras entre o público e o privado, reduzindo o que antes se entendia como intocável por pertencer ao privado. O fascismo “*ampliou os poderes do Executivo – do partido e do Estado – na busca pelo controle total*” (PAXTON, 2007, p. 28).

Nesse sentido, Norberto Bobbio definiu o fascismo como um sistema de dominação autoritário e caracterizado

por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (1998, p. 466).

Além disso, o fascismo seria marcado por uma ideologia fundada na exaltação da coletividade nacional e na mobilização das massas, organizando-as de maneira funcional ao regime. Também caracteriza o fascismo a existência de um forte aparelho de propaganda, com o controle das informações e dos meios de comunicação de massa, o que contribuiu para a eficácia no alcance dos objetivos por parte do fascismo.

Para Francisco Teixeira, o fascismo é marcado por *uma forte coerência interna e externa*. A *coerência interna* está atrelada ao processo de fascistização de cada país – ao modo como cada regime visou construir sua estruturação jurídica, burocrática e político-ideológica – e é caracterizada pelo *antiliberalismo e antidemocratismo*. Os regimes fascistas buscaram um discurso em comum, embora estivessem exclusivamente preocupados com seus países. Essa coerência fez com que os regimes adquirissem características semelhantes e as políticas estabelecidas na Itália, na Alemanha e na Espanha apresentassem um perfil em comum. A *coerência externa* do fascismo, por sua vez, é dada, em grande parte, por sua prática e sua fala. Para Teixeira, o fazer e o dizer do fascismo mantêm uma profunda união. “*O fascismo é aquilo que ele faz e diz sobre si mesmo*” (2000, p. 127). A coerência externa contribuiu para que os regimes costurassem suas identidades e formassem uma rede de colaboração entre si, como fizeram os espanhóis, os alemães e os italianos, ou ainda o regime de Vichy e o de Salazar em Portugal. Além disso, a formação de uma rede de colaboração auxiliava nas relações diplomáticas dos regimes. Essa inter-relação entre o fazer e o dizer dialogam com a própria ideologia fascista, a qual busca a “*construção das condições de aceitabilidade do fascismo perante as massas*” (TEIXEIRA, 2000, p. 127), visando a mobilização da

sociedade<sup>38</sup>.

Teixeira (2000) disserta sobre o que ele mesmo denominou de uma fenomenologia do fascismo, ou seja, analisa alguns elementos que seriam comuns à maioria dos tipos de fascismo. A primeira característica do fascismo seria o *antiliberalismo* e o *antiparlamentarismo*. Segundo o autor, o fascismo acusa as formas liberais de organização e de representação, especialmente o parlamento liberal, de darem início à crise contemporânea. O fascismo apresenta-se como sucessor e único herdeiro de um sistema que não possui mais as condições para manter a *coesão nacional*. A liderança fascista (*Fuhrer* e *Duce*) se propunha a interpretar os anseios da massa, como o fazem Hitler e Mussolini, em detrimento da legitimidade de um parlamento. O pressuposto do liberalismo como elemento desagregador das massas aparece como componente essencial na doutrina do antiliberalismo fascista. O controle das massas era um dos pilares do fascismo e, qualquer coisa que ameaçasse esta ordem seria repudiada (inclusive com uso da violência). O parlamentarismo e a democracia terminaram por dividir a população e fizeram com que todos brigassem pelo poder. Isso seria ruim para a sociedade na medida em que causava discórdia entre os indivíduos.

Uma segunda característica do fascismo, de acordo com Teixeira, seria a formação de um Estado orgânico chefiado por uma liderança carismática. O Estado possui um caráter *intervencionista*, pois é ele que organiza, normatiza e dirige a sociedade, com total desprezo por qualquer esfera exclusiva do privado. O Estado fascista surge como uma policracia. Havia uma rede hierárquica até chegar ao líder supremo (Mussolini na Itália). Contraposto ao liberalismo desagregador, o fascismo buscava oferecer uma variada gama de organicismos sociais, onde o Estado deveria ser percebido de maneira harmônica e despido de contradições em seu interior. Isso o diferenciaria do Estado Liberal, o qual era dilacerado por querelas de grupos. No fascismo o Estado apresenta-se como um fator de coesão nacional capaz de reerguer a nação e restaurar a identidade do país. Os poderes legislativo e judiciário perdem sua força e mesmo sua função, pois o executivo absorve todas as prerrogativas do Estado. A própria instituição do partido único também faz parte do Estado orgânico no qual este partido se confunde com o Estado. Desse modo, o que se considerava como origem das fraquezas do Estado (a luta partidária) é erradicado. As intenções políticas maiores do Estado fascista dependiam unicamente de um líder (o Duce no caso italiano).

---

<sup>38</sup> TEIXEIRA (2000, p. 122). A ideia de *coerência externa* será retomada no capítulo três.

Outra característica atribuída aos fascismos é a *comunidade do povo e a sociedade corporativa*. A principal resposta fascista à crise de identidade, conferida à imposição dos princípios liberais, foi a proposição do Estado corporativo. Neste Estado, a raça, a história e o espírito da nação deveriam forjar a nova comunidade, oferecendo condições de identificação mútua entre seus membros. É nesse sentido que o fascismo se apresenta como possibilidade de restauração de identidades “perdidas”. Também nisso verifica-se todo o seu poder de sedução e encantamento entre as massas. O fascismo propunha um Estado que se apresentasse como a corporação do trabalho, supraclassista e acima de interesses privados e de suas representações partidárias. O fascismo, com sua teoria de Estado potência, tenderia a recuperar o primado do político, submetendo o econômico a estreito dirigismo. Com o intuito de minimizar as perdas no poder aquisitivo dos trabalhadores, controlá-los e atraí-los para o partido fascista, não se deve perder de vista a existência de uma preocupação na gestão (pelo Estado) do tempo livre dos trabalhadores. A interferência permanente e constante do Estado na vida particular dos cidadãos configurava-se como parte integrante da mentalidade fascista, sendo que um espaço vazio para a livre organização, mesmo que fosse de um time de futebol, não era bem vista. Desse modo, o dirigismo estatal e a organização corporativa, além de reconstruírem uma identidade perdida ao longo da formação da sociedade industrial, liberal e de massas, apareceram como poderoso instrumento anticrise.

Como último elemento constitutivo do fascismo, Teixeira coloca a *negação do eu e a negação do outro* como características impostas pelos governos fascistas às suas sociedades. Nestas coletividades, posto o que é nacional, o restante é lançado ao polo extremo do antinacional: por definição o não ariano, o comunista, o cigano, o negro, o estrangeiro e aqueles que afrontam a “perfeição” nacional. No fascismo não há espaço para o outro, mesmo o outro hierarquizado e subordinado. Uma ideia motriz, raça ou nação, torna-se o único valor moral em torno do qual se levanta um poderoso código de nação.

Dentro desta perspectiva do que tenha sido o fascismo (e em especial o italiano), podemos relacioná-lo ao futebol da Itália no período referido, pois o esporte fora reestruturado a partir da ascensão de Mussolini ao poder<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup>AGOSTINO, 2002.

### 3.2 A reestruturação do *calcio* sob o fascismo. O futebol e o fascismo “internamente”

Em 1926, segundo John Foot (2007), ocorre o que ficaria conhecida como “*a inauguração que mudou a Itália*”. Inaugurava-se o estádio do Bologna (Stadio Littoriale) e o *Duce*, bem como o Rei Vittorio Emanuele III, estavam presentes e puderam assistir a uma vitória da Itália sobre a Espanha. Ao longo do ano de 1926 Mussolini sofrera três atentados, sendo um deles após a inauguração do estádio. Esses atentados servirão de pretexto para que se fortaleça o Estado fascista, numa perspectiva de totalitarismo. A partir daí a pena de morte é reintroduzida, acontece o banimento de partidos (exceto o PNF) e é instituída a polícia secreta, os camisas-negras.

No início dos anos 1920 o futebol começava a se popularizar na Itália e o regime fascista começou a ver no jogo um importante instrumento de atração e mobilização<sup>40</sup> das massas. A intervenção fascista no esporte tem início em 1926. Nesse ano a federação italiana de futebol (FIGC) sofre uma crise oriunda da greve de árbitros, os quais vinham sofrendo pressões e agressões (de jogadores e dirigentes). Nesse momento o futebol italiano tinha na região norte do país sua grande força econômica e futebolística. O campeonato nacional era dividido em ligas, a Norte e a Sul, e ao fim da temporada havia um confronto entre os vencedores para a decisão do título nacional. Com a crise na FIGC, o então presidente da Liga Norte delegou poderes ao CONI (Comitê Olímpico Italiano), o qual estava sob a presidência de Lando Ferreti, membro do Partido Nacional Fascista. O CONI era controlado diretamente pelo regime fascista e seu presidente havia sido nomeado diretamente por Mussolini. Com os poderes de dirigir o esporte, centralizado no CONI, o fascismo começa a intervir no jogo e delega à entidade a tarefa de reformar radicalmente a organização do futebol italiano<sup>41</sup>.

Em agosto de 1926 surge o documento que iria reorganizar o futebol italiano e que ficaria conhecido como Carta de Viareggio. A Carta representou uma grande reforma no sistema de futebol italiano, regulando situações de jogadores e normatizando a organização da Federação e dos campeonatos. A instituição do profissionalismo, a criação de duas divisões

---

<sup>40</sup> Como escrevem Robert Paxton (2007, p. 360) e Norberto Bobbio (1998, p. 466), o fascismo busca exatamente a mobilização das massas. Logo, o futebol, por estar atraindo a atenção da população, se tornou um importante instrumento para cooptar parte da sociedade.

<sup>41</sup> Para mais informações ver o site <http://www.sportstory.com.br/> através do link <http://sportstory.it/2014/04/la-carta-di-viareggio-del-1926/>. Acesso em 27 de agosto de 2015.

(Série A e B)<sup>42</sup>, a abolição da associação dos árbitros e o banimento da maioria dos estrangeiros foram algumas das consequências da elaboração do documento.<sup>43</sup>

A partir do novo documento, Mussolini assumiu o controle do futebol no país. Passou a indicar dirigentes para diversos cargos na administração do futebol e mesmo para a presidência de alguns clubes. Com a Carta de Viareggio o governo fascista reorganizou a liga nacional, abolindo a divisão entre o Norte e o Sul, considerada inaceitável de acordo com os pressupostos do regime nacionalista, que a considerava como mais um elemento de divisão do país. As antigas Ligas do Norte e do Sul foram, conseqüentemente, se desmantelando em prol da formação de um campeonato nacional, que reuniria dezessete equipes do Norte, duas do Sul e mais uma a ser selecionada.

É preservada a divisão nacional, admitindo adicioná-la, para além das 16 equipes classificadas pelas duas rodadas da primeira divisão da Liga do Norte, três equipes da liga Sul (...) e uma vigésima equipe escolhida através de um torneio eliminatório entre equipes fora da Liga Norte(...) as 20 equipes serão divididas em dois grupos de 10 equipes cada organizados pelo diretório federal, de acordo com a classificação dos últimos campeonatos e com critério económico-territorial (*Anuario del Giuoco del calcio*, 1929, p. 62)<sup>44</sup>

É interessante notar que houve uma preocupação em considerar as desigualdades econômicas e o próprio desenvolvimento do futebol entre as regiões, de modo que apenas três clubes fora da região norte foram incorporados (ao menos num primeiro momento). Essa preocupação é expressa em outra passagem do anuário da federação italiana:

Devido à conformação geográfica própria da Itália, às diferentes possibilidades de recursos de mídia, à irregular distribuição da densidade demográfica, derivando naturalmente um desigual desenvolvimento do desporto nas diversas regiões, o Sul, e especialmente a Itália Insular sofreram e sofrem em comparação ao Norte da Itália e é, portanto, em respeito a essa condição que necessita de cuidados mais assíduos (1929, p. 213)<sup>45</sup>.

<sup>42</sup> A primeira temporada de âmbito nacional foi disputada em 1929. Os campeonatos de 1927-28 foram disputados em forma de grupos regionais. FOOT, 2007, p. 56-57.

<sup>43</sup> Documento disponível no anuário da FIGC de 1929 através do link <http://dlib.coninet.it/bookreader.php?f=37&p=1&c=1#page/152/mode/2up>. Acesso em 02 de outubro de 2015.

<sup>44</sup> *Anuario del Giuoco del calcio*, 1929, p. 62. Tradução do autor, no original: “viene conservata la divisione nazionale ammettendo ad essa, oltre alle 16 società classificate attraverso i due gironi dela prima divisione dela Lega Nord, ter squadre dela Lega Sud (...) e oltre a una ventesima squadra scelta in um torneo di qualificazione ad eliminazione escluse dalla prima divisione Lega Nord. (...). Le 20 squadre dela divisione nazionale saranno divise in due gironi di 10 squadre ciascuno a cura dell Direttorio Federale, in base alle classifiche degli ultimi Campionati com critério economico-territoriale”.

<sup>45</sup> *Anuario Italiano Giuco Del Calcio 1929*. Tradução do autor, no original: “Dalla conformazione geográfica stessadell’Italia, dalla diferente possibilità dimezzi, dalla irregolare distribuzione dela densità demográfica è

Com o estabelecimento da Carta de Viareggio a estrutura interna do futebol italiano é reorganizada de forma estritamente hierárquica, de modo que cada órgão estava subordinado ao outro até chegar ao CONI, controlado pelo regime de Mussolini.<sup>46</sup> Os responsáveis pela federação italiana não eram mais eleitos, mas sim nomeados pela direção do CONI, como disposto no artigo 4º do Anuário da FIGC: “*o presidente da FIGC é nomeado pelo CONI e por sua vez, nomeia todos os membros federais*”<sup>47</sup>. Desde o início de 1926 o secretário do PNF Augusto Turati, já defendia que o Comitê Olímpico Italiano deveria ser considerado um órgão subordinado ao partido, assim como todas as outras federações, tendo seus líderes nomeados desde o topo da hierarquia. Aliás, a organização e o respeito às hierarquias são tão importantes para o fascismo italiano que os anuários da federação de futebol trazem as disposições hierárquicas dos órgãos esportivos (em especial da FIGC e do CONI) detalhadamente.<sup>48</sup>

Uma das figuras de destaque na reestruturação do futebol italiano foi Leandro Arpinati. Amigo pessoal de Mussolini e membro do PNF, foi nomeado pelo Duce (por intermédio do CONI) para a presidência da FIGC em 1926. Em 1929 Arpinati percebeu a maior dimensão que um campeonato em grupo único (no formato de todos contra todos, como já ocorria na Inglaterra) poderia ter, de maneira que a partir de então o campeonato italiano passou a ter o formato que funciona até os dias atuais. A construção de um campeonato verdadeiramente nacional, com clubes de várias regiões, tornava-se realidade e ajudaria o fascismo a difundir suas ideias. Além disso, a integração nacional pretendida pelo regime ia ao encontro da nova forma de competição.<sup>49</sup>

Mas a reestruturação do campeonato nacional não poderia comportar muitos clubes locais, times de comunidades. Especialmente nas cidades do Centro-Sul haviam vários clubes de pequeno porte, tanto técnica quanto economicamente. Mesmo os maiores centros urbanos

---

naturalmente derivato um disuguale isviluppo dello sport nelle varie regioni: specialmente l'Italia meridionale ed Insularepiu ha sofferto e pisoffre in confronto dell'Italia settentrionale edèquindi rispetto a questa in condizioni di necessitare di piu assidue cure” (1929, p. 2013).

<sup>46</sup> Informações obtidas no site sportstory.it através do link <http://sportstory.it/2014/04/la-carta-di-viareggio-del-1926/>. Acesso em 31 de agosto de 2015.

<sup>47</sup> *Anuario Giuoco del calcio*, 1932, p. 21. Tradução livre do autor.No original: “*Il Presidente dela F.I.G.C è nominato dal C.O.N.I e a sua volta designa tutti i membri federali*”.

<sup>48</sup> Para melhor compreender as disposições hierárquicas referidas acessar as p. 13 e 14 do Anuario del Giuoco del calcio 1932 através do link <http://dlib.coninet.it/bookreader.php?&f=39&p=1&c=1#page/2/mode/2up>. Acesso em 03 de setembro de 2015.

<sup>49</sup> Mais informações no site Trivela.uol.com.br pelo link <http://trivela.uol.com.br/mussolini-fascismo/>. Acesso em 03 de setembro de 2015.

do Centro e do Sul como Florença, Nápoles e Roma tinham poucas chances de competir com as poderosas equipes do Norte (principalmente Milão e Turim). Para os fascistas, seria mais interessante um campeonato nacional com times de várias regiões em condição de disputar o título italiano. De modo que os pontos de maior interesse para os fascistas eram Roma, Florença e Nápoles, cidades que tinham representatividade futebolística muito menos relevante do que importância histórica e econômica. O governo imaginou que, se houvesse menos clubes nesses locais, haveria mais condições de enfrentar as potências já consolidadas do Norte. A partir disso, como mais uma consequência da Carta de Viareggio, vários clubes foram extintos ou fundiram-se a outros. Em 1926 o Internaples (que já havia se fundido alguns anos antes) mudou de nome para Napoli, uma nomenclatura mais próxima ao ideal nacionalista de Mussolini. No mesmo ano, Florença também uniu suas forças. Libertas e Firenze se fundiram para formar a Fiorentina. Em 1927 foi a vez de Roma. Existiam vários clubes na capital, mas todos muito fracos. O mentor da mudança do cenário foi Italo Foschi, secretário do diretório romano do Partido Nacional Fascista, membro do CONI e presidente de um dos clubes existentes, o Fortitudo. Roma possuía quatro clubes de maior representatividade: Lazio, Alba Audace, Roman e Fortitudo. Foschi queria fundir o quarteto para fazer frente aos gigantes Milan, Internazionale, Gênova, Torino e Juventus. Mas o general fascista Giorgio Vaccaro era dirigente da Lazio e não queria acabar com seu time. Além disso, cresceu dentro do governo a ideia de que Roma deveria ter dois clubes para ficar em igualdade com Turim e Milão. Desse modo, a Lazio foi poupada da fusão, enquanto Alba Audace, Fortitudo e Roman se juntaram para formar a Roma.<sup>50</sup>

A carta de Viareggio foi, segundo John Foot, “*o estatuto fascista do futebol*” (2007, p. 38). O documento decretou, entre outras coisas, o banimento dos estrangeiros. “*No campeonato Italiano poderão participar apenas jogadores de nacionalidade e cidadania italiana*”<sup>51</sup> (Anuario Italiano Giuoco del Calcio, 1929, p. 61). A proibição de contar com atletas estrangeiros tinha inspiração na própria concepção nacionalista do fascismo e compartilhava o princípio de autarquia do regime. Essa medida atingiu vários clubes, pois havia muitos jogadores estrangeiros atuando na Itália, principalmente húngaros e austríacos, os quais foram obrigados a deixar o país. Alguns times buscaram contornar a situação contratando os chamados *oriundi* ou *rimpatriati*, jogadores sul-americanos que nasceram na Itália ou eram descendentes de italianos. Jogadores como Luis Monti, Guarisi e Orsi

<sup>50</sup> Conforme o site Trivela.uol.com.br

<sup>51</sup> Tradução livre do autor. No original: “*Ai Campionati italiani potranno partecipare solo giuocatori di nazionalità e cittadinanza italiana*”.

chegaram para a disputa do campeonato nacional e foram logo incorporados pela seleção italiana. Porém, como afirma John Foot (2007), não é correto dizer que a contratação desses futebolistas visava contornar as disposições da Carta. Esses jogadores não foram considerados italianos, mas ao mesmo tempo era difícil classificá-los como estrangeiros comuns. Além disso, a qualidade dos jogadores contribuiu para que fossem aceitos e jogassem pela Itália.<sup>52</sup>

### 3.3 Mudança política e a mudança no esporte

Em 1924 o socialista Giacomo Matteotti discursara no parlamento contra o governo fascista. Esse fato redundou em seu assassinato pelo comando fascista e no endurecimento do regime. A partir de 1925 serão estabelecidas uma série de leis e normas jurídicas (criadas seguindo uma lógica autoritária orgânica)<sup>53</sup> que visam fazer do fascismo um regime político totalitário, são as chamadas leis fascistíssimas. Segundo Bernard Droz,

Essas leis vão proceder a uma rápida fascização do estado e iniciar a integração da sociedade italiana na nova ordem totalitária. (...) essas leis sucedem-se de novembro de 1925 até novembro de 1926. Os textos legislativos reforçam consideravelmente os poderes do presidente do conselho, limitam a sua responsabilidade a uma exclusiva prerrogativa real, alargam os poderes dos executivos locais, (...). As leis ditas de defesa de estado consagram o desaparecimento de toda a imprensa livre, determinam a extinção dos partidos políticos, (...). Diversas tentativas de assassinio contra Mussolini constituem o pretexto para uma impiedosa repressão (1991, p. 212).

Essas leis vão permitir que o fascismo italiano adquira um poder de direito, que ele se valha de uma base legal para atingir seus objetivos. Especialmente as leis de 24 de dezembro de 1925, n°. 2263 e de 31 de janeiro de 1926, n°. 100 servirão para aumentar os poderes do executivo e fazer com que ele prevaleça em relação aos demais poderes. Além disso, o chefe do governo era colocado no vértice do novo sistema político, passando à condição de líder absoluto da Itália.<sup>54</sup> Os três primeiros artigos da lei de 1925 são fundamentais para verificarmos a dimensão dos poderes assumidos por Mussolini. Vejamos:

---

<sup>52</sup> A questão dos *oriundi* será retomada no capítulo três.

<sup>53</sup> GENTILE p. 36.

<sup>54</sup> Idem.

ART. 1. O poder executivo é exercido pelo rei através de seu governo. O governo do Rei é composto pelo secretário primeiro-ministro de Estado e ministros de Estado.

O primeiro-ministro é o chefe do governo.

ART. 2. O chefe do governo, Primeiro-Ministro Secretário de Estado é nomeado e exonerado pelo Rei e é responsável perante o Rei pela política geral do governo.

Ministros e secretários de Estado são nomeados e exonerados pelo Rei sob proposta do Primeiro-Ministro. Eles são responsáveis perante o rei e perante o chefe de governo por todos os atos e ações de seus ministérios.

Os Secretários de Estado são nomeados e exonerados pelo Rei sob proposta do Primeiro-Ministro em consulta com o ministro responsável.

ART. 3. O chefe de governo primeiro-ministro dirige e coordena o trabalho dos ministros, decide sobre as diferenças que possam surgir entre eles, convoca o Conselho de Ministros e cadeiras de TI<sup>55</sup>.

Já a lei de 31 de janeiro de 1926, n° 100, em seu primeiro e terceiro artigos, é importante por fazer do executivo o poder predominante na Itália fascista, com a possibilidade de emitir normas legais.

ART. 1. São emitidos por decreto real, após deliberação do Conselho de Ministros e depois de ouvido o parecer do Conselho de Estado, as normas jurídicas necessárias para regular:

A execução das leis;

O uso das faculdades que pertencem ao poder executivo;

A organização e funcionamento da Administração Estatal, a 'triagem' pessoal que lhes são atribuídas, o tipo de organizações e instituições públicas (...), que tem personalidade jurídica, mesmo que diga respeito a questões até agora regulamentadas por lei.

ART. 3. Por decreto real, após deliberação do Conselho de Ministros, podem ser emitidas regras com força de lei<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup>*Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia* n°301, 29 de dezembro de 1925. Lei de 24 de dezembro de 1925, n° 2263. Tradução livre do autor, no original: "ART. 1. Il potere esecutivo è esercitato dal Re per mezzo del suo governo. Il governo del Re è costituito dal primo ministro segretario di Stato e dai ministri segretari di Stato. Il primo ministro è capo del governo.

ART. 2. Il capo del governo primo ministro segretario di Stato è nominato e revocato dal Re e dè responsabile verso il Re dell'indirizzo generale politico del governo.

I ministri segretari di Stato sono nominati e revocati dal Re, su proposta del capo del governo primo ministro. Essi sono responsabili verso il Re e verso il capo del governo di tutti gli atti e provvedimenti dei loro ministeri.

I sotto segretari di Stato sono nominati e revocati dal Re, su proposta del capo del governo di concerto col ministro competente.

ART. 3. Il capo del governo primo ministro dirige e coordina l'opera dei ministri, decide sulle divergenze che possono sorgere tra di essi, convoca il consiglio dei ministri e lo presiede".

<sup>56</sup>*Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia* N. 025 del 1 Febbraio 1926. Lei de 31 de janeiro de 1926, n°100. Tradução livre do autor. No original: "Art. 1: Sono emanate con Reale decreto, previa deliberazione del Consiglio dei Ministri e udito il parere del Consiglio di Stato, Le norme giuridiche necessari per disciplinare:

-l'esecuzione delle leggi;

-l'uso delle facoltà spettanti al potere esecutivo;

Com a lei 2263/1925 o Presidente do Conselho deixa de ser identificado apenas como presidente para se tornar Primeiro-ministro Secretário de Estado, mantendo supremacia sobre outros ministros, os quais passam a ser seus subordinados hierárquicos. O chefe de governo (Primeiro-ministro) é nomeado pelo Rei e é o responsável pela política geral do país. Além disso, ele não é responsável perante o Parlamento. A partir de então, o poder executivo é fortalecido e se torna independente de sua base parlamentar. A lei posterior, 100/1926, confere ao Poder Executivo a força de aprovar normas jurídicas sem a intervenção do Legislativo, centralizando tudo no Executivo e, por conseguinte, no chefe de governo (Mussolini).<sup>57</sup>

Paralelamente às transformações políticas no Estado promovidas pelo regime fascista, também ocorriam mudanças no futebol. Entendemos que essas mudanças ocorridas no esporte estavam em sintonia às alterações políticas impostas pelo fascismo italiano, de modo que os fascistas procuraram implementar no *calcio* sua concepção de Estado e de organização político-social. Sustentamos que algumas das interferências do regime no futebol dialogam com as definições de *fascismo* propostas por Francisco Teixeira, Robert Paxton e Norberto Bobbio.

O documento que reorganizou o futebol italiano, a Carta de Viarregio, fora redigida em agosto de 1926, ou seja, após o estabelecimento das leis fascistíssimas. As novas diretrizes impostas pela Carta revelam a face *antidemocrática* e *antiliberal* do fascismo. Mussolini, já respaldado pela lei de 1925 que o colocou como chefe de governo e responsável pela política geral do Estado, nomeou dirigentes para comandar o futebol. Ao nomear Leandro Arpinati presidente da FIGC sem uma votação dentro do CONI (como funcionava anteriormente), ou mesmo sem consultar outros dirigentes, o *Duce* manifesta o poder adquirido legalmente, o caráter “*antidemocrático*” (TEIXEIRA, 2000) e o “*repúdio às liberdades democráticas*” (PAXTON, 2007) por parte do regime.

A Carta de Varregio buscou abolir as divisões de competições na Itália, unificando e estabelecendo um campeonato nacional, visando que as diferenças regionais fossem

---

-l'organizzazione e dilfunzionamento delle Amministrazioni dello Stato, l'ordinamento del personale ad esse addetto, l'ordinamento degli Entiedistituti pubblici, eccettuati i Comuni, le Provincie, le istituzioni pubbliche di beneficenza, l'università e gli istitutidi istruzione superiore che hanno personalità giuridica, quan d'anche si tratti di materie sino ad oggiregola te per legge.

Art. 3: Con decreto Reale, previa deliberazione del Consiglio dei Ministri, possono emanarsi norme a venti forza di legge”.

<sup>57</sup> GENTILE, 1988, p.36.

diminuídas, ou seja, tentando *regenerar e energizar*<sup>58</sup> a nação. O fascismo criticava o liberalismo por entendê-lo como elemento desagregador das massas e responsável pelas diferenças regionais e pela divisão nacional, daí sua ideia de “*antiliberalismo*”<sup>59</sup>. Com a adoção de um campeonato nacional de fato, o fascismo manifesta sua concepção nacionalista e, ao mesmo tempo, refuta a doutrina liberal.

Francisco Teixeira (2000) defende que dentro dos elementos constitutivos do fascismo está a ideia de *Estado orgânico e liderança carismática*. Segundo o autor, o Estado é *intervencionista*, pois organiza, normatiza e dirige a sociedade. Há ainda uma rede hierárquica até chegar ao líder supremo, sendo a existência de vários organicismos sociais os responsáveis para a percepção de um Estado sem contradições, em contraposição ao liberalismo. A reorganização do futebol italiano foi concebida de maneira estritamente hierárquica, sendo que cada órgão se subordinava ao outro, até chegar ao CONI (sob domínio de Mussolini). Assim, se percebe que as nomeações dos líderes das entidades não ocorriam por acaso, mas que se identificavam com a própria política fascista. Além disso, o próprio ato de intervir no futebol já manifesta outra característica do fascismo colocada por Teixeira, o seu caráter intervencionista. Outro ponto a destacar é a liderança de Mussolini para iniciar as transformações no futebol, o que ele faz na condição de líder carismático e responsável, como escreve Teixeira, pelas intenções políticas do Estado Fascista. “*Tudo no Estado, nada contra o Estado*”.<sup>60</sup> Essa ingerência do *Duce* no esporte revela o que Paxton (2007) e Bobbio (1998) caracterizam como a busca pelo *controle total* e o *dirigismo estatal* que o poder Executivo almejou implementar a partir de uma *lógica totalitária*, a qual põe todos os setores da sociedade sob o domínio do Estado.

A partir da Carta de Viareggio os estrangeiros foram se extinguindo dentro do futebol italiano, pois apenas jogadores de nacionalidade ou cidadania italiana poderiam atuar. Com a adoção das leis fascistíssimas muitos expatriados perderam a cidadania e foram obrigados a deixar o país. Da mesma forma, com a nova medida estabelecida no futebol muitos estrangeiros tiveram que voltar para sua terra de origem. Ao impor essa nova determinação o fascismo italiano exerce outra das características trazidas por Francisco Teixeira, *a negação do eu e a negação do outro*. Dentro da concepção fascista, estabelecido o que é nacional, o restante é lançado ao extremo do antinacional. Nessa categoria se inserem o não ariano, o

---

<sup>58</sup> PAXTON, p. 336.

<sup>59</sup> Os termos *antidemocrático* e *antiliberal* são definições atribuídas por Francisco Teixeira para caracterizar o fascismo. Segundo Bobbio (1998), o fascismo tem total desprezo pelo individualismo liberal.

<sup>60</sup> MUSSOLINI *apud* TOGLIATTI, 1978, p. 24.

negro, o cigano e o estrangeiro, pois estes representam uma ameaça à coesão nacional. Ou seja, retirar os estrangeiros do campeonato nacional de futebol significava retirá-los da Itália e promover, como escreve Robert Paxton, “*o objetivo de limpeza étnica*” (2007, p. 359).

#### 4. Fascismo, futebol e a busca do consenso: o fascismo “*externamente*”

No capítulo anterior, chamamos a atenção para o fato de o fascismo buscar no futebol um elemento de mobilização das massas – algo que, segundo Robert Paxton, é característico de regimes totalitários. Isso ajuda a explicar o porquê da aproximação do fascismo ao futebol. No entanto, ainda cabe um questionamento. Para que o fascismo queria o futebol? Responder a esta pergunta é um dos objetivos deste capítulo, bem como perceber como o regime de Mussolini se valeu do esporte mais popular do mundo. Buscaremos perceber elementos – dentro do futebol – que auxiliaram o regime do *Duce* a construir um consenso de apoio à política estabelecida em 1922 e que o sustentou por mais de vinte anos.

A *coerência externa* do fascismo se relaciona com a construção de seu reconhecimento e sua aceitação pelas massas. O fascismo visa criar uma imagem positivada a seu respeito no intuito de possibilitar uma maior adesão da sociedade em torno de seus objetivos. Segundo Robert Paxton, o fascismo, enquanto ideologia, busca engajar e excitar o público, o que possibilitaria uma mobilização em massa.

O fascismo era uma invenção nova, criada a partir do zero para a era da política de massas. Ele tentava apelar sobretudo às emoções, pelo uso de rituais, de cerimônias cuidadosamente encenadas e de retórica intensamente carregada. (...) o fascismo (...) se baseia no sentimento popular sobre as raças superiores, a injustiça de suas condições atuais e seu direito de predominar sobre os povos inferiores (PAXTON, 2007, p. 38).

Ao longo do século XX, a política procurou se aproveitar do futebol canalizando, de forma oportuna, as atenções do público para os seus interesses.<sup>61</sup> A própria difusão do futebol nas primeiras décadas do Novecentos ocorre quando as nações estão formulando suas identidades culturais. Segundo Giulianotti (2010), o futebol é uma instituição cultural que ajuda a formar e a consolidar as identidades nacionais. O fascismo vislumbrou difundir sua ideologia através do futebol, pois percebeu no esporte, o qual dispunha de grande interesse popular, a possibilidade de ritualização, fidelização e legitimação da ordem estabelecida em 1922.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> HEIZER *apud* AGOSTINO, 2002.

<sup>62</sup> AGOSTINO, p. 56.

Para Wilson Rinaldi (2000), o futebol pode servir como um meio de transmissão ideológica. De acordo com o autor, com a popularização e a massificação (décadas de 1920 e 1930) o futebol passa a funcionar como um veículo de propaganda no intuito de afirmar a ideologia e o pensamento político de um determinado grupo dominante. A concepção de ideologia estabelecida aqui é a entendida por Jhon Thompson, para o qual

A análise da ideologia pode ser vista como uma parte integrante de um interesse mais geral ligado às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e seus papéis na vida social (1995, p. 16).

Para Thompson, as formas ou os sistemas simbólicos não são ideológicos em si mesmo. No entanto, podem se tornar ideológicos dependendo da maneira como são utilizados e captados pelo contexto social. Nesse sentido, o futebol também não é ideológico em si mesmo, porém pode vir a ser na medida em que for corretamente apropriado por um grupo dominante com o intuito de promover seus valores e demonstrar a concepção que se pretende hegemônica.<sup>63</sup>

Entendemos que, para transmitir sua ideologia e mesmo demonstrar sua concepção de organização política, social e moral, o fascismo se apropriou do futebol após perceber seu potencial para aglutinar parte considerável da sociedade.<sup>64</sup> A transmissão de sua ideologia, bem como sua legitimação perante a população, foi buscada, entre outros elementos, pela propaganda, seja ela de forma direta (rádio, jornais, etc.) ou indireta (instituições do Estado)<sup>65</sup>. Neste trabalho, concebemos propaganda a partir da definição de Norberto Bobbio. Para o autor

A Propaganda pode ser definida como difusão deliberada e sistemática de mensagens destinadas a um determinado auditório e visando a criar uma imagem positiva ou negativa de determinados fenômenos (pessoas, movimentos, acontecimentos, instituições, etc.) e a estimular determinados comportamentos. A Propaganda é, pois, um esforço consciente e sistemático destinado a influenciar as opiniões e ações de um certo público ou de uma sociedade total.

---

<sup>63</sup> RINALDI, 2000.

<sup>64</sup> Além do potencial para mobilizar as massas, entendemos que o fascismo interveio no futebol por ser a intervenção estatal parte integrante da própria ideologia fascista. Como dizia Mussolini: “*Tudo no Estado, nada contra o Estado*” (MUSSOLINI in TOGLIATTI, 1979, p. 24).

<sup>65</sup> Entendemos como propaganda indireta a ideologia empregada em instituições como a Ópera Nazionale Dopolavoro (TOGLIATTI, 1978).

Bobbio identifica duas direções principais na propaganda, uma interna (a da propaganda voltada para o próprio sistema político) e outra externa (a da propaganda utilizada nas relações entre os Estados).

Os esforços orientados para o exterior têm por objeto sobretudo a opinião pública— ou alguns dos seus setores — num ou em vários países; em tempo de paz, eles visam criar ou robustecer sentimentos de amizade ou solidariedade e, por vezes, também, a inculcar respeito; em todo o caso, o que se pretende é influir, com a intenção presumível de exercer, por este meio, pressões sobre os governantes. (...). A natureza da propaganda dentro de um país varia muito de acordo com o regime político: nos regimes autoritários e totalitários, a Propaganda é firmemente controlada pelo Estado ou pelo partido dominante, que a utilizam, tendo em vista a expansão e consolidação do regime, para inculcar na população uma versão simplificada da ideologia oficial e para combater as formas internas de oposição (BOBBIO, 1998, p. 1018).

Conforme Hilário Franco Júnior, à medida em que o futebol foi se popularizando e se configurando cada vez mais como cultura popular, também foi se acelerando sua utilização como instrumento político, principalmente com o intuito de conferir legitimidade a determinados governos. Políticos de diferentes ideologias perceberam a grande capacidade que o futebol tem de “*mobilizar sentimentos coletivos*” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 168). Segundo Jhon Foot<sup>66</sup>, o fascismo foi o primeiro regime a explorar a potencialidade propagandística do jogo, inclusive interferindo na sua direção e gestão.

#### 4.1 Copa do Mundo: o fascismo se escala

Para Gastaldo e Guedes (2006), há uma forte vinculação entre esporte e identidade nacional<sup>67</sup>. Cabe destacar que a relação entre futebol e identidades nacionais apenas se tornou possível quando o jogo se popularizou. Conforme Franco Júnior (2007), o futebol inicialmente era praticado apenas por indivíduos da elite britânica, mas, com o passar do tempo, as classes mais pobres – principalmente operários de empresas siderúrgicas, ferroviárias e armamentistas – começaram a se apropriar do esporte. Essa apropriação, conforme Arlei Damo (2002), se deu no processo de democratização do esporte, na esteira das disputas entre uma burguesia emergente e outra já consolidada. Como resultado dessas disputas as classes trabalhadoras tiveram “*acesso a um bem cultural que lhes havia sido*

---

<sup>66</sup> FOOT, 2007, p. 405.

<sup>67</sup> GASTALDO e GUEDES, 2006, p. 7.

*cerceado sob a alegação de que era violento, imoral e desordeiro*” (2002, p. 27). Na década de 1880 as equipes de futebol dos proletários já eram destaque<sup>68</sup>.

Com o avanço dos meios de comunicação em massa foi possível potencializar o caráter simbólico e ritual dos jogos que envolvem equipes representando nações de diferentes partes do globo. De acordo com Gastaldo e Guedes, as seleções de futebol são capazes de reificar as nações e servir, inclusive, como arma ideológica<sup>69</sup>. Para os autores, nos discursos que se criam a partir do jogo várias identidades são disputadas e mesmo construídas, entre elas a da nação. O futebol auxilia no processo de identificação dos indivíduos com seu país e permite forjar identidades nacionais.

O principal meio para explorar o jogo como promoção política e fortalecimento da identidade nacional é a Copa do Mundo, pois durante o evento os olhares de grande parte do planeta estão voltados para este espetáculo e tudo o que o cerca<sup>70</sup>. *“As copas do Mundo talvez sejam um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno e, por esta via, talvez sejam um dos mais importantes espaços para a produção simultânea das identidades nacionais”*<sup>71</sup>.

A primeira Copa do Mundo foi disputada no Uruguai em 1930 e, conforme Franco Júnior, as manifestações nacionalistas já faziam parte do evento esportivo. O esporte que nasceu em escolas e universidades inglesas logo se envolveu no ambiente de nacionalismos que vinha ganhando forças desde o fim do Oitocentos. Mas seria a segunda edição do torneio, em 1934, que presenciaria um uso político-ideológico do esporte sem precedentes.

O Mundial disputado no Uruguai teve grande repercussão, tanto na América do Sul quanto na Europa, o que fez despertar grande interesse por parte do governo italiano para sediar a Copa do Mundo de 1934. Mesmo com a crise econômica que assolava o cenário mundial desde 1929 com a queda da bolsa de Nova York, o regime fascista não poupou esforços para a realização do evento. A escolha definitiva do país sede do mundial ocorreu em 1932, na Suécia. O governo italiano nomeou o general e coordenador geral de esportes, Giorgio Vaccaro, para conduzir as negociações com a FIFA no sentido de levar o evento para a Itália. Os italianos se comprometeram a assumir todos os gastos na organização da

---

<sup>68</sup> FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 34.

<sup>69</sup> GASTALDO e GUEDES, 2006, p. 8.

<sup>70</sup> Segundo Édison Gastaldo e Guedes (2006), os jogos das copas do mundo estão entre os eventos de maior audiência global de todos os tempos, além de se configurarem como fenômeno econômico-midiático de suma importância.

<sup>71</sup> Idem, p. 9.

competição. O planejamento deu certo e a terra do *calcio* foi escolhida em 9 de outubro de 1932.<sup>72</sup> Tão logo veio a confirmação da escolha da FIFA, a propaganda fascista já começou a alinhar a conquista à comemoração dos dez anos do regime. Através de cartazes promocionais do Mundial um jogador fazia a tradicional saudação fascista com o braço estendido.<sup>73</sup>

Apenas a partir da década de 1920 – com a ascensão política de Benito Mussolini – é que a Itália voltaria a acalentar os sonhos de se tornar novamente uma potência mundial. E foi essa “*nova Itália*” que se candidatou a sediar a Copa do Mundo de 1934 (GEHRINGER, 2010, p. 37).

O governo fascista disponibilizou oito estádios para a disputa do campeonato mundial. Segundo Gilberto Agostino, mesmo antes de ser escolhida como sede da copa a Itália já vinha construindo vários estádios. No entanto, três estádios - em Nápoles, Trieste e Turim - foram construídos especialmente para a Copa do Mundo de 1934. O de Turim recebeu o nome de Benito Mussolini. E se juntaram aos de Gênova, Milão, Florença, Bolonha e Roma (que foi chamado de Estádio do Partido Nacional Fascista). O San Siro, do Milan e da Internazionale, foi ampliado, passando a receber 45 mil espectadores.<sup>74</sup>

Mais do que simplesmente sediar a Copa do Mundo de 1934, a Itália fascista queria conquista-la. Foi com essa intenção que Mussolini garantiu à associação italiana de futebol a naturalização de jogadores sul-americanos com ascendência italiana, conhecidos como *oriundi*<sup>75</sup>. A ideia era fortalecer a seleção nacional para garantir o troféu. Desde o final da década de 1920, vários dirigentes europeus vinham para a América do Sul em busca de jogadores, principalmente argentinos, uruguaios e brasileiros. A partir da Carta de Viarregio os estrangeiros foram proibidos de atuar em solo italiano. No entanto, os jogadores que tinham ascendência italiana, ou seja, que haviam nascido fora da Itália, mas que descendiam de emigrantes italianos, poderiam – sob ordens de Mussolini – se naturalizar e defender a seleção italiana<sup>76</sup>. Eram os chamados *oriundi*. John Foot defini os *oriundi* como os atletas estrangeiros de origem italiana que são regidos pelas normas esportivas da Itália e que podem fazer parte da seleção de futebol do país (2007, p. 442). É interessante notar que, como bem escreve Gilberto Agostino (2002), o fascismo se preocupou com a “pureza” dos atletas, ou

<sup>72</sup> GEHRINGER, Max. Almanaque dos Mundiais, 2010.

<sup>73</sup> AGOSTINO, 2002, p. 58.

<sup>74</sup> Informações disponíveis no site globoesporte.com através do link <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-de-1934-italia.html>. Acesso em 01 de outubro de 2015.

<sup>75</sup> AGOSTINO, p. 60.

<sup>76</sup> FOOT, 2007.

seja, somente aqueles que fossem italianos racialmente puros poderiam jogar. Por racialmente puros devemos entender aqueles que descendem de italianos. Essa condição para ser considerado cidadão italiano – basicamente apoiada na ideia do *jus sanguinis*<sup>77</sup> – já estava amparada pela lei de cidadania italiana de 1912, a qual fundamentava-se na concepção de predominância do marido no matrimônio<sup>78</sup>.

Com a ascensão do fascismo na Itália surgiu também a ideia de uma “*Grande Itália*”, a qual seria o resultado de uma expansão italiana, tanto objetivando conquistar colônias quanto aumentar seu território para as regiões mais próximas onde haviam italianos<sup>79</sup>. Segundo Foot, ao promover a italianização dos *oriundi* o fascismo foi ao encontro do ideal mussoliniano de expansão territorial e colonial em prol da afirmação da “grande Itália”. Para o fascismo, a formação de um império italiano compreendia a diáspora italiana pelo mundo e a busca pelos jogadores *oriundi* se relacionava harmoniosamente com essa concepção.

O técnico italiano Vittorio Pozzo convocou alguns dos *oriundi* para a Copa do Mundo de 1934, entre eles estava o brasileiro Guarisi, apelidado de Filó e que atuou pelo Corinthians de São Paulo antes de se transferir para o futebol italiano. Mas foi a Argentina o país que mais teve jogadores “importados” pela Itália. O meio-campista Luis Monti, que jogava pelo Boca Juniors e havia sido vice-campeão do mundo em 1930, foi contratado pela Juventus de Turim e acabou integrando o selecionado italiano na Copa do Mundo de 1934. Tornou-se o primeiro jogador a disputar duas finais de mundial. Além dele, Raimundo Orsi, Enrico Guaita e De Maria comporiam o quarteto de argentinos campeões pela Itália no segundo campeonato mundial. Pozzo recebeu algumas críticas por parte da imprensa quanto à convocação dos sul-americanos, mas respondeu aos críticos com a célebre frase: “*Se podem morrer pela Itália, também podem jogar pela seleção*”<sup>80</sup>. A resposta baseava-se no fato de que, pelas normas

<sup>77</sup> O *jus sanguinis*, ou direito de sangue, é um dos critérios que servem para nortear a determinação de nacionalidade do indivíduo. O outro critério é o *jus solis*, ou direito de território. O *jus sanguinis* considera nacional de um Estado um indivíduo a partir de sua filiação, ou seja, a nacionalidade de seus genitores, desconsiderando o local de nascimento. Este princípio visa, essencialmente, a conservar os laços de nacionalidade tendo por fundamento a consanguinidade. O *jus solis*, por sua vez, considera nacional o indivíduo nascido no território de um determinado Estado, contrapondo-se ao *jus sanguinis*. Pelo critério do *jus solis*, uma pessoa terá a nacionalidade do Estado em que tiver nascido, independentemente de sua ascendência. Informações disponíveis no site jus.com.br através do link <http://jus.com.br/artigos/12298/o-jus-sanguinis-como-criterio-de-determinacao-da-nacionalidade-da-pessoa-natural-segundo-o-direito-internacional>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

<sup>78</sup> Lei de 13 de junho de 1912, número 555. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalidade\\_italiana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalidade_italiana). Acesso em 24 de outubro de 2015.

<sup>79</sup> Informações disponíveis no verbete “grande Itália” do site wikipedia.org através do link [https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_It%C3%A1lia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_It%C3%A1lia). Acesso em 05 de outubro de 2015.

<sup>80</sup> Frase publicada na Revista Placar. Disponível online através do link <http://placar.abril.com.br/materia/os-craques-das-copas-do-mundo-italiano-vittorio-pozzo>. Acesso em 07 de outubro de 2015.

estabelecidas na lei de cidadania, os que fossem considerados cidadãos italianos poderiam ser chamados a prestar serviço militar.

Ao estender a condição de cidadão italiano aos *oriundi*, fazê-los defender a seleção nacional e mesmo associá-los a soldados italianos como fez Vittorio Pozzo, o fascismo alargou a noção de pertencimento à Itália e, ao mesmo tempo, manifestou seu caráter expansionista e nacionalista. É interessante notar ainda que uma das características do fascismo foi a *negação do outro*. Esse *outro* representava uma ameaça à coesão nacional e é identificado como o estrangeiro, o negro, o cigano. Ele serve apenas na medida em que for hierarquizado e subordinado aos interesses do Estado. Foi justamente o que ocorreu com os *oriundi*. Segundo John Foot (2007), após servirem à seleção nas copas do mundo, os *oriundi* sofreram diversos tipos de discriminação, entre eles o não recebimento de premiações pela conquista.

O Mundial de 1934 foi utilizado pelo fascismo italiano como meio de propaganda com o intuito de atingir a opinião pública internacional e nacional. O regime liderado por Benito Mussolini queria mostrar ao mundo seus valores, sua capacidade de organização e, por intermédio de uma conquista no campo, sua legitimidade frente a outras formas de governo e sua suposta superioridade racial. O fascismo buscava a unidade e a mobilização das massas na perspectiva de fortalecer a nação e sua identidade, e o futebol possui essa capacidade de arregimentar pessoas, de mobilizá-las e de criar laços entre os envolvidos. Com a recepção de uma Copa do Mundo o fascismo visou justamente criar uma ideia de fidelidade ao regime.

A Copa de 1934 foi especialmente preparada para alimentar o orgulho nacional e a fidelidade ao regime, e deveria por isso terminar com a vitória da seleção nacional. O projeto para tanto foi cuidadosamente preparado. Houve arbitragens mais que duvidosas a favor dos donos da casa. Houve violência italiana em campo. Houve, dirigida a Mussolini, saudação fascista do trio de arbitragem da decisão contra a Tchecoslováquia. Jules Rimet afirmou que “durante esta Copa do Mundo tive a impressão de que o verdadeiro presidente da FIFA era Mussolini”. Desde as primeiras Copas, reconhece o livro comemorativo dos cem anos da FIFA, “conforme o regime do país organizador, a competição se desenvolverá em atmosfera sobretudo esportiva ou sobretudo política” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 50-51).

O fascismo interferiu nas estruturas do futebol italiano, porém sua principal apropriação do esporte se deu através da propaganda e do uso simbólico nos mundiais<sup>81</sup>. O fascismo pretendeu se mostrar ao mundo muito por formas simbólicas. Ele apelava às

---

<sup>81</sup> FOOT, 2007, p. 406.

emoções, ao uso de rituais, de cerimônias e de uma retórica bem construída. Dentro dessa ideia de simbologia utilizada pelo fascismo italiano, estava a saudação à romana, que se dirigia especialmente ao *Duce*. Mussolini adotou ritos e símbolos da Roma antiga visando inculcar na sociedade o sentimento de originalidade e grandiosidade da Itália de outrora e a volta aos tempos de glória<sup>82</sup>.

Segundo Andrea Giardina (2008), a adoção de símbolos e ritos romanos auxiliava na criação de uma especificidade fascista e, ao mesmo tempo, permitiam apresentar a nação com peculiaridades e marcas características bem definidas. Conforme o autor, a saudação fascista (com o braço direito levantado e a palma da mão estendida) representava “*uma forte conotação política e ideológica, porque indicava uma adesão ao partido impregnada de caráter guerreiro*” (GIARDINA, p. 56). Durante a Copa do Mundo de 1934 os jogos da seleção italiana, acompanhados de perto por Mussolini, eram repletos de rituais, onde destacavam-se os emblemas, a bandeira, a saudação e o hino italiano. Tudo era apresentado como uma guerra ritualizada onde os elementos da Itália fascista ganhavam posição de destaque através do forte esquema de propaganda do regime<sup>83</sup>. Ao iniciar as partidas os jogadores da *azzurra* se voltavam para o *Duce* e faziam a tradicional saudação. Na final contra a Tchecoslováquia viria a vitória por 2 X 1 e a consagração fascista. Conforme Agostino,

Aclamado aos gritos de DU-CE, DU-CE, DU-CE, Mussolini compareceu ao estádio juntamente com todo o Ministério e fez questão de entregar o troféu da vitória ao capitão dos *azzurri*. A vitória foi saudada como reflexo de uma Nação forte e preparada para enfrentar os inimigos, em um momento em que os planos governamentais se inclinavam cada vez mais para a invasão da Etiópia, que seria concretizada nos próximos meses (2002, p. 62).

Durante o mundial italiano o fascismo criou uma premiação paralela à taça da copa, era o “*troféu Itália*”. O troféu era uma efígie do próprio Mussolini e seria entregue pelo chefe do governo fascista na final do torneio e em cerimônia bem encenada. Essa premiação instituída por Mussolini ficou conhecida como a “*Coppa Il Duce, uma homenagem a si próprio, era imensa perto da pequena taça dourada oferecida pela Fifa à seleção campeã*”<sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup>GIARDINA, Andrea. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a05v2262.pdf>

<sup>83</sup>AGOSTINO, 2002.

<sup>84</sup>Informações disponíveis no site [globoesporte.com](http://globoesporte.com) através do link <http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/tag/sindelar/>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

A organização da Copa do Mundo de 1934 representou uma vitrine de importância estratégica para o fascismo. O regime italiano teve a oportunidade de dar visibilidade em nível mundial de sua capacidade de organização interna e transmitir a suposta existência de um “bem-estar” entre a população do país. Os próprios visitantes do campeonato de 1934 se encarregaram de elogiar a limpeza e a segurança das cidades italianas, contribuindo para espalhar pela Europa a ideia de que Mussolini havia recuperado a Itália, transformando-a de caótica em exemplo de modernidade e de organização<sup>85</sup>. Logo após a conquista o fascismo buscou enaltecer a vitória e associá-la à capacidade organizativa do regime. Em uma das edições posteriores à Copa, o jornal italiano *Il Littoriale* tratou de valorizar a organização do evento e a conquista da *azzurra*, creditando a Mussolini a responsabilidade pelo título. Além disso, a realização do torneio e sua repercussão internacional, bem como a vitória no mundial, são apresentados pelo periódico como elementos que aumentam o prestígio da Itália pelo mundo<sup>86</sup>.

#### 4.2 “O fascismo é bicampeão”

Terminada a Copa de 1934, a próxima edição seria realizada em 1938. A Alemanha havia conseguido levar os Jogos Olímpicos de 1936 para Berlim e pretendeu receber também a terceira Copa do Mundo. Hitler percebeu o sucesso italiano de anos antes e vislumbrou propagandar o nazismo da mesma forma. No entanto, a concorrência para sediar o mundial de 1938 era maior do que na última edição, pois a Argentina e a França entraram na disputa desta vez. Os franceses contavam com o apoio do presidente da FIFA e idealizador da Copa do Mundo, Jules Rimet, e sua presença em Berlim no dia da votação fez com que a pressão por votos na França aumentasse e o país saísse vencedor<sup>87</sup>.

A quarta edição do mundial seria a última antes da Segunda Guerra Mundial. A seleção italiana se dirigiu à França em busca do bicampeonato e com status de time a ser batido, afinal a equipe comandada por Vittorio Pozzo havia conquistado a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1936 e era a atual campeã do mundo. Mesmo fora da Itália e sem a

<sup>85</sup>Conforme o site [www.ogol.com.br](http://www.ogol.com.br), disponível pelo link [http://www.ogol.com.br/text.php?id=10194&caderno=0&theme=268&theme\\_pai=0](http://www.ogol.com.br/text.php?id=10194&caderno=0&theme=268&theme_pai=0). Acesso em 13 de outubro de 2015.

<sup>86</sup> Jornal *Il Littoriale* de 14 de junho de 1934. Disponível através do link <http://dlib.coninet.it/bookreader.php?&c=1&f=2035&p=4#page/1/mode/2up>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

<sup>87</sup> GEHRINGER, 2010.

presença de Mussolini nos jogos, o fascismo mais uma vez se fez presente em uma Copa do Mundo.

A França era o principal bastião antifascista da Europa e suas relações com a Itália eram conflituosas às vésperas do evento esportivo de 1938. Segundo Agostino (2002), Mussolini havia hostilizado o governo da Frente Popular da França poucos dias antes do início da copa, o que agravou ainda mais a situação entre os dois países. Durante os jogos, e mesmo na chegada da seleção italiana, os franceses promoveram diversas manifestações contra os jogadores e o governo da Itália.

Pelo menos três mil antifascistas da França reuniram-se em torno do nosso vagão de luxo para vaiar, gritar, xingar e insultar-nos com 'fascistas'. A polícia montada interveio a bastonadas. Quando nos apresentamos no campo com o uniforme azurra e o pequeno escudo tricolor com o desenho entalhado dos feixes liteiros e nos apresentamos em fila para saudar à romana, o estádio parecia explodir (LOCATELLI *apud* AGOSTINO, 2002, p. 65).

Foi nesse clima de tensão internacional e temor quanto a uma possível eclosão de guerra mundial que teve início a primeira copa da França. Dezesesseis equipes se encontraram em solo francês para a disputa do torneio que antecederia o maior conflito militar da Europa. Novamente os fascistas utilizariam o evento para propagandear seu regime, porém fora de seus domínios territoriais.

Depois de conquistar seu primeiro título mundial jogando em casa e sob influência e pressão de Mussolini, a Itália chegaria ao bicampeonato mundial empunhando literalmente a bandeira do fascismo na França. Mesmo com um grupo de jogadores bastante modificado em relação àquele que havia triunfado quatro anos antes, o time de Mussolini bateu seus quatro adversários e levou sua segunda taça. Nesse mundial, enquanto as outras seleções se deslocavam de trem, os italianos contavam com um avião cedido pelo Duce, demonstrando o empenho dos dirigentes fascistas para conquistarem a copa<sup>88</sup>.

Durante a realização dos jogos os italianos trataram de promover sua ideologia nos estádios franceses. Assim como quatro anos antes, os jogadores da Itália faziam a tradicional saudação fascista no início das partidas e utilizaram o emblema do regime nas camisas. No entanto, a equipe italiana lançou mão de outro elemento atrelado à simbologia do fascismo, o uniforme preto. Em sua trajetória para ascender ao poder, Benito Mussolini fundou a Milícia

---

<sup>88</sup> AGOSTINO, 2002.

Voluntária para a Segurança Nacional, à qual juntaram-se membros do *squadrismo* (grupo paramilitar que reprimia adversários políticos). Inicialmente uma milícia, logo se tornaria um organismo militar. Sua função era ser o instrumento de repressão e violência do regime. Seu uniforme (assim como o dos *squadristas*) era todo preto, cor do Partido Fascista. Por isso, seus membros ficaram conhecidos como os camisas negras<sup>89</sup>. Nessa edição da Copa do Mundo os italianos, sob o pretexto dos donos da casa e adversário das quartas de final jogarem de azul, utilizaram um uniforme totalmente preto (com o emblema do fascismo), fazendo alusão ao regime político do país e demonstrando que na Itália a política e o futebol andavam juntos<sup>90</sup>. A mensagem estava clara: mais do que jogar futebol, a seleção italiana representava o próprio fascismo. A Itália venceu a França por 3 a 1 e se classificou para a semifinal contra o Brasil.

Na última Copa antes da Segunda Guerra Mundial, o Brasil, pela primeira vez, conseguiu ir além das rodadas iniciais. A seleção ficou próxima do título, atingindo as semifinais. Os brasileiros foram elogiados pela capacidade técnica individual e criticados pela falta de coletividade na equipe. Segundo Gastaldo (2006), o atraso que os cronistas da época atribuíam ao Brasil era devido “à selva, à liberalidade dos costumes”<sup>91</sup> que o país vivia. Leônidas da Silva, conhecido como *diamante negro*, foi o craque da seleção brasileira na Copa de 1938 e um dos principais nomes do torneio. No dia 12 de junho, o Brasil entrou em campo para a partida contra a Itália. O técnico Ademar Pimenta resolveu dar um descanso para o artilheiro Leônidas da Silva, e o principal jogador da seleção não entrou em campo<sup>92</sup>.

Em 1938 o governo italiano publicou uma série de leis racistas. E o racismo fascista se mostraria no campeonato mundial<sup>93</sup>. A Itália venceu a seleção brasileira por 2 a 1 na semifinal, e em meio a reclamações em relação a arbitragem por parte dos brasileiros, garantiu sua presença na grande final contra a Hungria. A vitória sobre o Brasil foi comemorada pela imprensa italiana, segundo Franco Júnior, como o “*triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros*” (2007, p. 51). Além disso, vencer o Brasil não significava apenas uma vitória esportiva, mas sim a conquista da raça italiana. Como escreveu o jornal italiano *La Gazzetta dello Sport*, o feito representava “*algo mais que vitória esportiva*

---

<sup>89</sup> GENTILE, 1988

<sup>90</sup> GEHRINGER, 2010.

<sup>91</sup> GASTALDO, 2006, p. 54.

<sup>92</sup> GEHRINGER, 2010, p. 75.

<sup>93</sup> FRANCO JÚNIOR, 2007.

*conquistada à custa de músculos e de inteligência em um torneio muito cansativo e insidioso. Para além da vitória atlética, resplandece a vitória da raça*<sup>94</sup>.

A final da Copa do Mundo de 1938 entre Itália e Hungria teve um público de 45 mil pessoas no estádio Colombes<sup>95</sup>. Segundo Gilberto Agostino (2002), foi na véspera desse jogo que supostamente Mussolini teria enviado o famoso telegrama para a concentração italiana com a seguinte mensagem: *Vencer ou morrer*. A Itália derrotou a Hungria e sagrou-se bicampeã mundial. No retorno para casa os italianos foram recebidos pelo *Duce* e com homenagens pela conquista. O segundo triunfo e a propaganda que se criou em torno do feito ajudou a consolidar o regime e a exaltar seus valores, bem como a legitimá-lo perante a população<sup>96</sup>.

O fascismo foi um regime político que buscou sua sustentação na mobilização das massas<sup>97</sup>. Ele apelou às emoções, às cerimônias e ao uso de rituais cuidadosamente encenados para difundir sua ideologia e se fazer sentir presente no cenário nacional e mundial<sup>98</sup>. Além de intentar fortalecer a aprovação popular ao regime através do futebol, o fascismo – durante as copas de 1934 e 1938 – visou transformar o campo de jogo em campo de batalha ideológica<sup>99</sup>, pretendendo demonstrar uma suposta superioridade da forma de governar estabelecida na Itália, bem como colocar o país como nação superior às demais.

Segundo John Foot (2007), a simbologia utilizada pelo fascismo fez com que esse se fizesse presente no cotidiano das pessoas. Justamente esse *se fazer presente* contribuiu para que o regime conseguisse criar um consenso e uma aceitabilidade perante a população. Para Foot, os anos 1930 ajudaram a criar uma identificação entre as vitórias da seleção nacional e os italianos, fundadas em uma série de mitos, heróis e histórias. Com isso houve uma clara identificação entre o regime e o sucesso no jogo. Ao reafirmar constantemente seus valores e seus símbolos, o fascismo foi construindo sua identidade e facilitando seu trânsito e sua identificação entre a sociedade italiana. Além disso, ao se apropriar do futebol o fascismo

---

<sup>94</sup> *La Gazzeta dello Sport* (20 de junho de 1938) apud FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 52.

<sup>95</sup> GEHRINGER, 2010.

<sup>96</sup> FRANCO JÚNIOR, 2007.

<sup>97</sup> BOBBIO, 1998.

<sup>98</sup> PAXTON, 2007.

<sup>99</sup> HUGHES, Séan. Fascism and Football. BBC, 2003, 50 min. Disponível em: <https://vimeo.com/43319597>. Acesso em 04 de Junho de 2015.

visou atrelar o esporte a si próprio, afinal, celebrar as vitórias italianas nas copas equivalia celebrar o próprio fascismo<sup>100</sup>.

A organização de um grande evento esportivo seria a situação propícia para que o fascismo mostrasse ao mundo uma Itália “renovada e gloriosa”. Como dissemos anteriormente, o governo italiano pretendia demonstrar sua capacidade de organização, de superioridade e de prosperidade, atrelando isso ao regime estabelecido em 1922. Um dos meios utilizados para demonstrar essa condição de potência frente aos demais países foi a propaganda. Como escreveu Norberto Bobbio (1998), a propaganda serve para influir na opinião pública, tanto nacional quanto internacional, bem como incutir respeito e facilitar o relacionamento entre os países. E a opinião pública internacional saudou o evento promovido pela Itália. Além da imprensa mundial, as próprias federações de futebol das seleções participantes elogiaram a conquista e realização da Copa de 1934 pela Itália, entre elas a do Brasil: “*Ao seu instigante espírito e sua grande capacidade organizativa, é que se devem em grande parte o êxito sem precedentes no campeonato mundial*” (IL LITTORIALE, 1934, p. 2)<sup>101</sup>.

A seleção italiana, de acordo com Foot, contribuiu para unir as regiões da Itália – as quais eram historicamente divergentes – e a criar uma identidade nacional num país marcado a décadas por divisões internas. Segundo Bobbio, o uso da propaganda serve também para oferecer uma versão simplificada da ideologia de um governo, facilitando a assimilação da sociedade ao pensamento de determinado grupo. Isso se relaciona com a própria ideia de mobilização e fidelidade ao regime que o fascismo vislumbrou conseguir. “*Em todos os campos o sucesso tem sido excelente, e da nossa Itália, como protagonista e como organizadora, podemos estar orgulhosos do trabalho realizado*” (IL LITTORIALE, 1934, p. 2)<sup>102</sup>. Construir a imagem em âmbito interno de uma Itália forte e capaz de recuperar seus tempos de glória, bem como transmitir essa mesma imagem ao exterior de um país preparado, bem administrado e com uma forma política diferente, possibilitou ao governo italiano –

<sup>100</sup>HUGHES, Séan. Fascism and Football. BBC, 2003, 50 min. Disponível em: <https://vimeo.com/43319597>. Acesso em 04 de Junho de 2015.

<sup>101</sup>*Il littoriale*, 12 de junho de 1934. Disponível através do link <http://dlib.coninet.it/bookreader.php?&c=1&f=2033&p=3#page/1/mode/2up>. Tradução livre de Mateus de Souza Clezar, no original: “*al vostro spirito impulsore et alla vostra capacità organizzativa si deve in gran parte l'esito senza precedenti Del campionato mondiale*”.

<sup>102</sup>*Il littoriale*, 12 de junho de 1934. Disponível através do link <http://dlib.coninet.it/bookreader.php?&c=1&f=2033&p=3#page/1/mode/2up>. Tradução livre de Mateus de Souza Clezar, no original: “*In ogni campo, dunque, Il successo è stato superbo, e l'Italia, come protagonista e come organizzatrice, può andar fieradel l'opera compiuta*”.

como disse Francisco Teixeira – criar “*condições de aceitabilidade do fascismo perante as massas*” (2000, p. 127) e criar sua base de sustentação, prolongando sua estadia no poder.

Além de intervir nas estruturas internas do futebol italiano, o fascismo usufruiu do esporte também para difundir sua ideologia política, e a difusão dessa ideologia se fez principalmente por formas simbólicas<sup>103</sup>. “*O emblema fascista indicara perfeitamente os valores da disciplina e da ordem que o novo regime pretendia impor aos italianos*” (GIARDINA, 2008, p. 59). Utilizar camisas negras, carregar o emblema do regime, fazer a saudação fascista, incluir os *oriundi* na seleção e mesmo ter Mussolini entregando um troféu durante a Copa do Mundo – além de estar presente nos jogos – fizeram parte da construção ideológica através da simbologia que o fascismo italiano promoveu na perspectiva de se legitimar e receber o apoio das massas. A simbologia utilizada pelo fascismo serviu para reafirmar a identidade nacional e fortalecer a ideia de uma Itália em expansão e disposta a se afirmar como grande potência. Além disso, vencendo a competição, organizando-a de forma adequada e com investimentos próprios, o fascismo legitimava-se e passava a ideia de que o modelo italiano seria eficiente e capaz de superar o liberal ou qualquer outro que se apresentasse.

As produções existentes acerca da relação entre futebol e política normalmente trabalham com a perspectiva do uso propagandístico do esporte pelos regimes políticos<sup>104</sup>. Entendemos que o fascismo italiano também utilizou a propaganda para se promover, porém na Itália ela assume uma característica diferente das apropriações realizadas pelos regimes ditatoriais (na Argentina e no Brasil, por exemplo). No fascismo a propaganda assume um caráter que é do próprio regime, a busca pela mobilização, o culto ao líder (*duce* entrega a premiação), à força do Estado e do regime. Ao passo que nas ditaduras, mesmo havendo o ingrediente nacionalista em comum com o fascismo, não há uma relação mais íntima com a ideologia política ou concepção de organização político-ideológica pretendida. Além disso, como escreveu Giardina (2008), a propaganda no fascismo visava também resgatar a *romanidade* e a própria ideia de império romano, enquanto as ditaduras não pretenderam resgatar o passado de suas nações.

---

<sup>103</sup> FOOT, 2007.

<sup>104</sup>Citamos, por exemplo, as obras de Simon Martin, *Calcio e Fascismo. Lo Sport Nazionale Sotto Mussolini*, 2006, John Foot, *Calcio, 1898-2007: Storia dello sport che ha fatto l'Italia*, 2007 e Gilberto Agostino, *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, 2002.

Percebemos que o ato de propagandear sua ideologia política e sua forma de organização de Estado não é algo isolado no fascismo, mas que faz parte dele. “*O fascismo é aquilo que ele faz e diz sobre si mesmo*” (TEIXEIRA, 2000, p. 127). Ele busca a mobilização e o consenso social, bem como forjar e recuperar a identidade da nação. Para isso o fascismo lança mão de seu aparelho de propaganda<sup>105</sup>, seja para difundir suas concepções, seja para controlar a difusão de informações que não lhe favoreçam. Foi para realizar estas intenções que o fascismo se aproximou do futebol, pois este poderia levar sua ideologia e dispunha de potencial para mobilizar as massas. O futebol serviu de duas formas ao fascismo: como veículo de propaganda e como elemento capaz de unir a sociedade.

---

<sup>105</sup> BOBBIO, 1998, p. 466.

## 5. Considerações finais

O fascismo foi uma forma política autoritária e nacionalista que surgiu na Europa beneficiando-se da crise da democracia liberal. Foi um dos fatos políticos mais destacados no período entre as duas guerras<sup>106</sup>, se constituindo como uma forma de governo que penetrou em vários países e assumiu características próprias. No entanto, apesar das peculiaridades existentes entre os regimes da Itália, da Alemanha e da Espanha, por exemplo, havia proximidades entre a concepção de política desses países no período em questão<sup>107</sup>. Os fascistas queriam unificar sua nação através de um Estado forte e vigilante. O fascismo foi um regime político de massa (no sentido de que se baseou na mobilização contínua das massas e numa relação direta desta com o chefe do governo<sup>108</sup>) que se fundou no sistema de partido único, no controle policial e no comando das fontes de informação e de propaganda. Além disso, foi um regime caracterizado pela tendência à expansão da iniciativa pública, ao progressivo aumento da direção do Estado. E foi esse Estado que buscou comandar o futebol na Itália.

Gradativamente o futebol foi passando a comportar um caráter político e, na medida em que se percebia sua penetração entre as multidões, os governantes foram tratando de canalizá-lo em seu favor. Os detentores do poder político e econômico viram no esporte uma oportunidade de divulgar, propagandear e inculcar nos cidadãos seus planos políticos. A Itália foi o primeiro país a ter um dos mais bem tramados mecanismos para a difusão de uma ideologia através do esporte. O futebol começou a se popularizar na Itália no início dos anos 1920, momento em que o fascismo assumiu o controle do Estado. Mesmo que a princípio a Itália fascista tenha dado maior importância aos conhecidos esportes de guerra, como ginástica, boxe, natação, esgrima e tiro, logo o futebol seria considerado um esporte condizente com os valores defendidos pelo regime. A partir daí os fascistas iriam se aproveitar da força que este espetáculo esportivo poderia vir a representar numa sociedade de massas.

O regime político de Mussolini percebeu no jogo um importante instrumento de atração e mobilização de parte significativa da população italiana. Ele aproveitou-se do futebol para tornar pública a sua forma de governar, bem como reorganizou o esporte a partir

---

<sup>106</sup>DROZ, p. 211.

<sup>107</sup> Segundo Francisco Teixeira, apesar de reivindicarem sua originalidade, todos esses regimes “*propunham um mesmo programa, partilhavam a mesma concepção de mundo*” (2000, p. 124).

<sup>108</sup> GENTILE, p. 79.

de sua concepção de Estado. Ao verificar a potencialidade do esporte e seu trânsito entre a sociedade, o fascismo promoveu uma profunda intervenção no futebol a partir de 1926, quando é redigida a Carta de Viareggio.

A partir desse documento, Mussolini assumiu o total controle do futebol no país. Indicou dirigentes para diversos cargos na administração do futebol e mesmo para a presidência de determinados clubes. Com a Carta de Viareggio o governo fascista reorganizou o campeonato nacional, acabando com a divisão entre o Norte e o Sul, a qual contrariava os pressupostos do regime nacionalista e era vista como mais um elemento desagregador do país. Além disso, a partir da Carta os estrangeiros foram banidos da Itália e a FIGC tornou-se subordinada diretamente ao Estado. Essa ingerência do fascismo no esporte auxiliou para que seus objetivos políticos e ideológicos fossem alcançados. Ele conseguiu “unificar” o país através de um campeonato nacional e retirou os jogadores estrangeiros (*os outros*) da Itália. Essa interferência no futebol também demonstra o que foi o fascismo, ou seja, uma forma política que visa colocar tudo sob o controle do Estado. Nesse sentido é que Alfredo Rocco, teórico e jurista do fascismo, já dizia em 1931: *O Estado deve presidir e dirigir a atividade nacional em todos os seus aspectos. Nenhuma organização política, moral ou econômica pode permanecer à margem do Estado* (ROCCO *apud* TEIXEIRA, p.132). O intervencionismo, o dirigismo estatal e a organização hierárquica<sup>109</sup> são constituintes do fascismo e se fizeram presentes na reestruturação do futebol italiano, demonstrando a íntima relação entre o esporte e a política fascista.

A partir de 1925, com as leis fascistíssimas, Mussolini assume o título de *Duce* (chefe), e passa a ser o responsável pela nação perante o Rei. Governa por decretos pessoais, ou seja, tem o poder de direito para intervir em qualquer setor da sociedade italiana. E exerce esse direito também no campo esportivo, realizando várias modificações no futebol italiano, principalmente entre os anos 1926 e 1938, quando altera nomes de equipes, funde sociedades esportivas, muda regulamentos de campeonatos, fraudas arbitragens e obriga a seleção nacional a jogar com uniformes que carregassem o símbolo fascista. A Itália foi campeã mundial por duas vezes consecutivas, nos anos de 1934 e 1938, e estas conquistas foram divulgadas com intenção de mostrar a organização e a capacidade do Estado italiano. Mais do que isso, as vitórias eram encaradas como a demonstração da suposta superioridade racial

---

<sup>109</sup> Aqui, organização hierárquica se refere ao fato de que os órgãos esportivos (FIGC e CONI) e os dirigentes mantinham um rígido sistema de hierarquia, subordinando-se (em última instância) ao Estado e ao *Duce*.

italiana. A relação entre o fascismo e o futebol foi muito bem sintetizada por John Foot, segundo ele

Sob Mussolini, o futebol se tornou o esporte nacional, foram construídos novos estádios em muitas cidades e o campeonato nacional se tornou uma realidade. Durante a ditadura do Duce, a Itália venceu dois campeonatos mundiais e uma medalha de ouro nas Olimpíadas. O fascismo servia ao futebol, e o futebol servia ao fascismo (2007, p. 52).

Além de modificar as estruturas internas do futebol italiano, o fascismo se valeu do esporte para difundir sua ideologia, e a difusão dessa ideologia se fez principalmente por formas simbólicas. O fascismo utilizou o futebol tanto como propaganda de Estado, quanto como forma de controle das massas. Sob Mussolini o futebol foi gradualmente transformado de um simples passatempo em um instrumento para a construção de uma identidade nacional. O fascismo busca cada vez mais obter o consentimento da população, e o futebol tornara-se um elemento com potencial para uma maior interação com as massas. O *calcio*, além de ser uma atividade recreativa e saudável, representou uma agradável oportunidade para o fascismo mobilizar milhões de pessoas, organizar e educar os cidadãos para os valores pregados pela ideologia do regime. O futebol, além disso, ajudaria a impor o espírito de hierarquia que caracteriza o fascismo, bem como auxiliaria a reforçar o sentimento de identidade e patriotismo. Nesse sentido, Mussolini pensou o futebol como demonstração e reflexão de disciplina e união da Itália fascista.

Através do futebol e de seu uso simbólico, o fascismo pretendeu levar sua ideologia à sociedade italiana e ao mundo (pelo campeonato mundial). Fazer a saudação fascista, entregar um troféu com o símbolo fascista, incluir jogadores descendentes de italianos e jogar com uniformes que simbolizassem o regime, servia para reafirmar a identidade e promover a ideia de uma Itália em expansão. Além disso, as conquistas do campo e a boa organização de um evento mundial serviam para legitimar o modelo de governo da Itália e validar a concepção de predominância racial.

No fascismo a propaganda não apenas tem a função de promover o regime político como também serve como veículo de transmissão ideológica. Mais do que isso, a propaganda serve para que o fascismo atinja mais um de seus objetivos: arregimentar e mobilizar as massas em prol dos desejos do Estado nacional. Entendemos que, enquanto os regimes autoritários das ditaduras da América Latina (Brasil e Argentina) utilizaram o futebol

puramente como elemento de exaltações nacionalistas, o fascismo se valeu do futebol para colocar em prática a sua concepção de Estado. A propaganda e o futebol servem para que o fascismo alcance seus objetivos de mobilização das massas, de enaltecimento da nação, de culto ao líder, ao Estado e à raça.

Por fim, percebemos que a relação futebol e fascismo na Itália pode ser pensada como causa e efeito. A causa se refere ao fato do fascismo se aproximar do esporte por ter visto nele o potencial para mobilizar pessoas, bem como por ser intrínseco ao fascismo o controle de todas as atividades do país. Já o efeito pode ser entendido como a propaganda, que serviu para transmitir a ideologia fascista para o mundo. A propaganda, ainda, se constitui como elemento característico do fascismo, pois ele é aquilo “*que faz e diz sobre si mesmo*”<sup>110</sup>.

Buscamos aqui perceber a relação entre o futebol e o fascismo na Itália, no sentido de verificar como o regime estabelecido em 1922 se manifestou no esporte. No entanto, entendemos que o estudo dessa relação pode e deve ser ainda mais problematizada, pois o tema futebol e fascismo é latente na atualidade<sup>111</sup>. Apenas com o conhecimento sobre os efeitos nefastos de regimes autoritários é que podemos evitar sua propagação. Estuda-los pelo viés do esporte é mais uma maneira de perceber a proximidade e os resultados dessas formas políticas.

---

<sup>110</sup> TEIXEIRA, 2000, p. 127.

<sup>111</sup> Conforme o site [http://espn.uol.com.br/post/328048\\_suasticas-na-arquibancada-tensao-e-nazi-fascismo-nos-duelos-entre-lazio-e-roma](http://espn.uol.com.br/post/328048_suasticas-na-arquibancada-tensao-e-nazi-fascismo-nos-duelos-entre-lazio-e-roma). Acesso em 3 de novembro de 2015.

## 6. Fontes e bibliografia

### 6.1 Fontes

*Annuario Italiano Giuoco Del Calcio*. Disponível online através do link <http://dlib.coninet.it/bookreader.php?f=37&p=1&c=1#page/152/mode/2up>

*Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia*. Disponível através do link <http://augusto.agid.gov.it/#giorno=1&mese=2&anno=1926>

*Il Littoriale*. Disponível através do link <http://dlib.coninet.it/?q=node/8>

### 6.2 Documentário

HUGHES, Séan. *Fascism and Football*. Produção: Chris Granlund. BBC, 2003, 50 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/43319597>>. Acesso em 04 de Outubro de 2015.

### 6.3 Sites

[www.trivela.uol.com.br](http://www.trivela.uol.com.br)

[www.sportstory.it](http://www.sportstory.it)

[www.augusto.agid.gov.it](http://www.augusto.agid.gov.it)

[www.calcistoricoflorentino.it](http://www.calcistoricoflorentino.it)

<http://dlib.coninet.it/>

### 6.4 Livros

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 11. Ed. Brasília: Edunb, 1998. 2 v.

BOSCHILIA, Bruno. MARCHI JUNIOR, Wanderley. *Esportização, Formação das Regras e Desenvolvimento do Futebol: Possibilidades de leitura a partir de Elias e Veblen*. Unicamp FEF. Campinas, SP, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 159 p.

DROZ, Bernard. *História do século XX*. Lisboa: Dom Quixote, 1991. 4v.: il.

ELIAS, Norbert. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. 2. ed. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1995. 349 p.

FOOT, John. *Calcio, 1898-2007: Storia dello sport che ha fatto l'Italia*. Milano: 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASTALDO, Edinson. *Nações em campo: copa do mundo e identidade nacional*. Niterói, RJ: Intertexto, 2006. 221 p.

GEHRINGER, Max. *Almanaque dos Mundiais. Os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006*. São Paulo: Globo, 2010.

GENTILE, Emilio. *A Itália de Mussolini e a origem do fascismo*. São Paulo: Ícone, 1988. 88 p.

GIARDINA, Andrea. *O Mito Fascista da Romanidade*. Estudos Avançados, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. 248 p.

GUTTMANN, Allen. *Games and empires: modern sports and cultural imperialism*. New York: Columbia University, 1994. 273 p.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. Editora brasiliense. São Paulo, 1990.

HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LENINE, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1984.

MARTIN, Simon. *Calcio e Fascismo. Lo Sport Nazionale Sotto Mussolini*. Oscar Mondadori. Milano, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. *Considerações Teórico-Methodológicas sobre a Difusão do Futebol*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona Nº 69 (23), 1 de agosto de 2000.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PERRY, Marvin. *Civilização ocidental: uma história concisa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. xxvii, 677 p.: il.

RINALDI, Wilson. *Futebol: manifestação cultural e ideologização*. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

SILVA, Francisco C.T. da, “Os fascismos” In.: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Século XX. Vol. II: o tempo das crises*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. 137 p.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. *História do século XX*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.